



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

JORDANA DE MENEZES BARROS

CIÊNCIA SAPIENCIAL E SUAS PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO

BRASÍLIA, DF

2014

JORDANA DE MENEZES BARROS

CIÊNCIA SAPIENCIAL E SUAS PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação do professor Dr. José Luiz Villar Mella.

BRASÍLIA, DF

2014

JORDANA DE MENEZES BARROS

CIÊNCIA SAPIENCIAL E SUAS PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial
para obtenção de Certificação de Graduação na Universidade de Brasília em
Pedagogia Licenciatura Plena.**

Data de Aprovação: _____/_____/_____

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella (Orientador)

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Prof. Dra. Maria Emília Souza (Examinadora)

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (Examinadora)

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter me moldado a quem sou hoje e por ainda me fazer querer e ser cada dia melhor.

Agradeço a minha família, pois foi ela que me ajudou a me manter de pé nesses poucos, porém longos, anos na Universidade.

Agradeço aos professores da UnB que com suas aulas e nossas discussões, ainda que quase completamente contrárias aos meus princípios, me elucidaram sobre meu tema e me fizeram reafirmar o que digo.

“Agradeço, especialmente, à José Villar, cuja orientação, além do indispensável rigor, nunca interferiu na liberdade tão necessária à pesquisa. Sua prática como orientador foi sempre um incentivo ao livre pensamento. Por nunca ter limitado minhas opções, eu lhe agradeço como orientanda, pesquisadora, aluna e ser humano” (VILLAR, 2008).

Agradeço ao Rubem Alves, que com suas palavras me fez ter esperança e enxergar no Brasil e em sua Educação possibilidades de um futuro bom.

Agradeço a professora Marcela Souto. A ela dou mais que um agradecimento, pois graças a ela conheci a leitura do Rubem e a Pedagogia e pude ser uma pessoa mais esperançosa e feliz.

Agradeço a todos os que aqui não foram mencionados, mas que fizeram parte da minha trajetória escolar e social, que pelo bem ou pelo mal me fizeram quem sou.

Muito Obrigada.

Dedicatória

Dedico este texto aos que me ajudaram a chegar onde estou e aonde chegarei, sejam bons ou não em minha jornada. À Deus, minha mãe e a minha irmã em específico. Dedico também a quem me fez ver o educar com olhos de magia, Rubem Alves. Dedico ainda ao professor Carlos Brandão, outro grande homem, de grandes sonhos e que ainda acredita na Educação.

De tudo que queria precisava apenas de um sonho. Agora o tenho.

“Um projeto de pesquisa sobre a paixão dos homens pelas ideias não é admissível na linguagem da ciência. Não seria aceito para ser publicado numa revista científica indexada internacional. Não é científico”.

Rubem Alves

RESUMO:

Atualmente temos ouvido discursos sobre igualdade, sobre o respeito às culturas, respeito à subjetividade de todos, aos seus pensamentos e crenças. Boa parte destes discursos vêm de meios Científicos, de Academias e de estudiosos. Mas será que os que trazem esses pensamentos, e os que acreditam neles, assim ainda o fazem quando se diz respeito ao “Senso Comum”? O “Senso Comum” sempre fora visto como à parte da Ciência, muitas vezes como seu próprio oposto e tratado nas escolas e culturalmente como uma base à Ciência, mas não pertencente a ela, desde quando, por exemplo, em universidades há discursos de “deixar o senso comum de lado” ou em escolas de ensino básico quando os conhecimentos dos alunos não são levados em consideração e há aulas expositivas para passar o conhecimento “certo” às crianças, à quando, na esfera pública administrativa, as decisões são tomadas por cientistas de extrema técnica especializada. A Ciência é vista como melhor do que o “Senso Comum” sendo, então este visto como não da Ciência nem a Ciência, mas sim um instrumento que pode ser usado por ela, seja para desmenti-lo, refutá-lo, negá-lo, comprová-lo, seja para entendê-lo ter noções conceituais “básicas” em laboratórios. Assim, muitas vezes o “Senso Comum” é segregado e rejeitado quando se trata do meio Científico. Em nossa sociedade científica atual, tal relação tem repercussões sobre a Educação Superior e Básica. Isso é refletido na visão de “Senso Comum” que é tratada dentro de suas instituições e na forma como os alunos reagem a ele. A construção da mentalidade sobre “Senso Comum” se dá com menos força na Educação Básica, mas quando chega à Educação Superior, há um peso muito grande para que ele seja simplesmente esquecido e abandonado, pois se está trabalhando com Ciência e não com “achismos”, o que faz com que estabeleça-se uma hierarquia que não existe, ou ao menos não deveria existir. Esse texto busca, através de Pesquisa Bibliográfica, demonstrar outro ponto de vista acerca do assunto, dizendo ser “Senso Comum” uma Ciência Escalar, a Ciência Sapiencial, e a Ciência também um “Senso Comum”. Nesse contexto busca-se algumas possíveis implicações e reflexões deste entendimento na Educação Escolar do Brasil, pois faz-se necessário analisar quais impactos a Educação poderia ter com das ideias aqui discutidas.

Palavras-chave: Ciência, Educação, Ciência Sapiencial.

ABSTRACT:

Nowadays we've been hearing speeches about equality, about respect to others cultures, respect to the subjectivity of everyone, to their thinking e believes. Big part of those speeches comes from Scientific environments, of Academies and of studios. But the ones whom bring those thoughts, and the ones who believes in them, still does that when it's about "Common Sense"? The "Common Sense" has always been seen as apart from Science, much times as its own opposite and treaty at schools and culturally as a base to Science, but not belonged to it, since when, for example, in universities there's the speech of "lefting the common sense behind" or in basic schools when the knowledge of the students are not considerate and there are expositive classes to transmit the "right" knowledge to children, to when, in the public administrative sphere, the decisions are taken by scientists of extreme specialized technique. Science is seen as "better" than "Common Sense", thus this one is seen as not of Science or the Science, but an instrument that can be used by it, being to contradict, refute it, deny it, to prove it, or being it to understand it and have "basic" conceptual notions in laboratories. Therefore, for many times, the "Common Sense" is segregated and rejected when it's about the Scientific environments. In our actual scientific society, such rejections got repercussions about the Superior and Basic Education. This is reflected in the vision of "Common Sense" that is treated inside their institutions and in the way that students react to it. The construction of the mentality about "Common Sense" occurs with less force in Basic Education, but when comes to the Superior Education, there's a huge force to it to be simply forgotten or abandoned, because it's being worked with science and not with "guesses", which establishes an hierarchy that doesn't exist, or at least shouldn't exist. This text tries, through Bibliography Research, show other point of view about the subject, saying that "Common Sense" is a Scalar Science, the Sapiential Science, and Science is also a "Common Sense". In this context, it's also searched to understand some possible implications and reflections of this understandment in Brazil School Education, since is necessary to analyze which impacts Education could have with the ideas here discussed.

Keywords: Science, Education, Sapiential Science.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1- DA CIÊNCIA	18
1.1- DA CIÊNCIA E DO “SENSO COMUM”	18
1.2 – DO CONVENCIONAL DA CIÊNCIA.....	25
1.3 - DOS OBJETIVOS E QUALIDADES DA CIÊNCIA	27
1.4 - DA METODOLOGIA CIENTÍFICA CONVENCIONAL.....	31
1.4.1 - DO DESCARTES.....	33
1.5 - DO “SENSO COMUM”	34
2 – DA SABEDORIA COMO CIENTÍFICA E DA CIÊNCIA COMO SÁBIA	38
2.1 - DAS QUALIDADES CIENTÍFICO-CONVENCIONAIS/SAPIENCIAIS.....	40
2.1.1 DE DESCARTES	52
2.2 – DAS CARACTERÍSTICAS DA CIÊNCIA SAPIENCIAL.....	67
2.3 - DA ESCALARIDADE DA SAPIENCIALIDADE.....	69
3 - DA EDUCAÇÃO E AS DUAS CIÊNCIAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES	74
CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

MEMORIAL

Antes de falar sobre que é educação devo falar sobre quem sou.

Sou humana e humanista. Brasileira. Tenho dezenove anos e de acordo com um teste psicológico que fiz, sessenta e nove. Sou idealizadora, viva. Sou quem devo ser, em perpétua mutação à perfeição. Amo isso. Sou só. Só sou. Sou pedagoga. Educadora. Advogada. Sou política. Mesmo sem ainda formação. Pela alma mesmo.

Desde que minha falha memória é capaz de lembrar, sofri. Fui humilhada, sofri bullying, passei pela anorexia, vi pessoas que amo com bulimia e serem mais humilhadas que eu. Isso tudo na escola. Isso tudo desde a primeira série do ensino fundamental I, no início da escolarização. Nessa idade também já apanhava da minha professora porque perguntava demais, questionava demais e não aceitava-a com suas verdades instituídas. É isso tudo que me fez ter sessenta e nove anos com dezenove.

Não tinha amor pela escola, a odiava e quase todos os professores nela, porque os procurava e me negavam. Os poucos que me acolhiam eram estudantes, colegas, me aconselhavam, mas não eram meus amigos, sumiam e só reapareciam quando eu os buscava, só estavam por mim quando eu estava por eles. Vi-me obrigada a cuidar de mim, emocionalmente, quando criança.

Cresci e fiz o ensino fundamental. Sinceramente, se pudesse, nem estudado o fundamental teria, bastava-me ler e escrever e o mundo já seria meu, ao menos o mundo que eu precisava que fosse meu. A dor e a solidão que passei não sei se foram compensados pela gramática, ciências e geografia que estudei. Que decorei. Que apliquei no vestibular e esqueci.

Terminei essa fase e me vi no Ensino Médio. Fugi antes de terminá-lo, no meio do terceiro ano, para a Universidade de Brasília, UnB. No dia de minha prova de vestibular não tinha estudado. Para falar a verdade, em todos os meus anos de estudo, fui praticamente pegar num livro na faculdade. Passei em 7º lugar, sem estudar, tendo tomado cinco doses de calmante e feito a prova suando frio,

nervosa, com pressão baixa e quase desmaiando - como provavelmente estarei no dia da apresentação deste trabalho - .

Resolvi fazer Pedagogia para aprender a cuidar e ensinar meus filhos. Para que eles fossem livres e felizes, fossem tudo que não fui, para ser uma boa mãe, entender quem eram eles e o que precisava fazer, como agir, o que dizer. Não errar. Tudo isso, até as primeiras semanas de aula na UnB.

Oficina Vivencial, 2º semestre de 2012. Minha primeira aula de Pedagogia. Com a professora Marcela Souto. Ela pediu que nós lêssemos, para fazer uma resenha, o livro “Fomos maus alunos” (DIMENSTEIN, G. A., 2010, p. 125). Além do livro “A menina que roubava livros” (ZUSAK, 2007, p. 480), minha literatura romancista contemporânea favorita, e a saga de Harry Potter, foi o único livro que tinha lido até então. Imagine uma criança ao nascer. Pois bem, renasci. Descobri meu sentido na Pedagogia. Descobri Rubem Alves.

Pode parecer exagero, posso até ser considerada louca e uma romântica idealista. Pois sou tudo isso. Em dobro. Mas não deixa de ser fato e ato o que aconteceu comigo quando li aquele livro. Foi amor à primeira vista. Chorei quando comecei a lê-lo, enquanto lia e ainda depois de lê-lo porque o livro tinha terminado. Queria que ele não tivesse fim. Era eu inteira em pedaços. Em palavras. De outros. Agora faço-me inteira aqui, com palavras minhas.

Mas quando a Universidade realmente chegou a mim, quando acabei o primeiro semestre, o segundo, quando estava no terceiro, tive um choque, que me levou a querer sair da faculdade o quanto antes, correr para me livrar dela enquanto aluna e ser professora, como Educadora e Mestre, não como só transmissora de conhecimentos.

Quando no Ensino Médio, pensei que quando fosse à Universidade seria respeitada e escutada, ouvida. Pensei que doutores, porque tinham estudado muito, eram pessoas que jamais cometeriam os erros de meus professores do ensino básico. Ledo engano.

Imaginava a faculdade como um lugar de pessoas abertas ao mundo, a opiniões, crenças, ao social, a vida, ainda mais uma pública, que todos exaltavam e

aparentava ser tão encantadora. A primeira vez que entrei na UnB fiquei extasiada, pulava, chorava, rodava e brincava em frente ao restaurante universitário.

Supus que pudesse falar minhas opiniões em paz, supus minha liberdade de expressão, de conhecimentos “entulhados”, que não jamais tive ideia do pra quê usar além da prova do vestibular. Pensei que o sossego de Educadores Doutores seria definitivamente um mundo colorido e longe de tudo que a escola convencional foi para mim. Imaginava algo como uma Escola da Ponte de Ensino Superior. Pobre coitada.

Pude falar, mas só o que devia. Não mais do que críticas à sociedade ou ao texto. Não podia tocar nas relações professor-aluno, professor-disciplina, aluno-aluno, aluno-ciência, professor-ciência. Não podia conversar com os professores, discutir sobre suas didáticas, avaliações. Ainda não posso.

Deram-me o direito da “livre” expressão, mas me entulharam de livros e atividades e seminários para poder me expressar e que sem eles minha palavra não teria valor. Aprendi coisas que não me ensinaram a mudar o mundo, a melhorá-lo, a cuidar dele, onde não aprendo o significado do que os autores dizem, numa prática educacional vivida e viva, mas sim, o que eles dizem.

Ainda me dão notas conforme o vomitado ser equivalente ao engolido, mas agora transcrevendo-o com as minhas palavras. Todavia toda regra tem sua exceção. Tive professores que se importaram em dar significado ao que estavam fazendo, que me deixavam e me faziam ver o mundo e interpretá-lo como eu o via.

Tudo bem que ainda tinha que entender o que os autores diziam, mas também o que isso realmente queria dizer, mas não precisava engolir nada, nem vomitar nada. Também, nestes espaços, conseguia discutir avaliações e relações que os outros não permitiam. Degustava o que aprendia como uma criança degusta um bolo de aniversário. E este deguste começava a partir de olhar este bolo. Ficava feliz só em saber que ia estudar com aquela(e) professor(a).

Sentia-me igual, em relações de poder, a eles. Não era oprimida, minha voz valia por si. Encontrei nesses poucos professores minha Escola da Ponte Universitária. E sinceramente, foram eles que me mantiveram ali. Foram minha esperança. Os dizeres de Rubem Alves personificados.

Mas o prazer ou não da aula e do conteúdo não me impediam de ser uma boa aluna. Sempre fui uma aluna exemplar. Sempre certificados de Honra ao Mérito. Foi uma das coisas que me fez chegar aqui. Ser comportada. Mas não de todo. Não mais agora. Minhas notas caíram, claro.

Não sou mais tão comportada, não leio textos que não vejo sentido, que são repetições do que estudamos toda semana com outras palavras. Não me adequo tão bem às aulas, então não mereço meu Super Supimpa (SS – Nota de 9 a 10). Fico feliz por isso. Por ser uma “má aluna”. Por poder sair finalmente do rumo que estive presa todos esses anos. Ainda que tenham sido apenas três anos, pareceram trinta. Apesar de ainda querer me doutorar e precisar desse rumo.

Apesar de todo esse aparente desespero universitário e dessa crise de identidade no e do meu curso, tive por sorte aquela aula, que mudou minha vida e que graças a ela pude ser errada na faculdade, ser mais analítica e ter esperanças para mudar o mundo e a mim mesma.

Agora que já se entendeu do como eu cheguei aqui ao porquê que cheguei aqui e para onde pretendo seguir, vamos à Ciência, à Educação e ao “Senso Comum”. Primeiro a Ciência e o “Senso Comum” - logo, mas nem tão logo assim, você vai descobrir o porquê destas aspas aqui -.

Decidi fazer uma pesquisa sobre esse tema porque cansei. Por diversas discussões que tive ouvi as palavras “achismo” e expressões do gênero. Professores que diziam que Universidade não era lugar para dar opinião, que nós não estamos na Universidade para “achar nada, só se for dinheiro”.

Cansei desses discursos vindo de alunos, doutores. Pessoas que deveriam ser a esperança da Educação, que deveriam amá-la e cuidar dela, que trabalham com ela e a estudam tecnicamente exaustivamente, mas não como um ponto de luz, uma estrela, para todos os estudantes, sejam formais ou informais, e

acabam desvalorizando outros saberes e tipos de Educação que não sejam os seus.

Cansei de tanta hierarquização e de ver opiniões sobre tudo serem sempre descartadas porque não tinham no final “Como Marx, Durkheim, Weber, Piaget, Vigotsky, Wallon... dizem”. Cansei de ouvir “Quem é você para discordar desse autor?”, “Quem é você para achar que pode falar por si sem autores?”.

Não que suas teorias não sejam boas ou não mereçam ser citadas em todas as frases, mas desde que se faça isso realmente querendo e com esse pensamento, porque precisa de uma base para descobrir como é visto seu entendimento, por que, porque, não porque é obrigatório pensar o que já foi pensado e dizer conforme já foi dito. Não porque alguém precisa afirmar o que você quer dizer.

Decidi entender não sua superioridade, porque ela não existe, mas sim sua igualdade. Ao invés de ver nossas diferenças, ver em que somos iguais ou ao menos parecidos. Daí essa tese, que é justamente a tentativa disso.

Posso então falar da Educação. Ela me escolheu para amá-la. Temos uma relação íntima de amor e ódio. Vezes a necessito e a quero, vezes a rejeito e prefiro ser ignorante e alienada à sua realidade.

Ela é minha musa. É a responsável por tornar feliz quem não é, alimentar e dar de beber aos famintos de conhecimento e sedentos de justiça. É uma dama que abraça o mundo e neste acalento a trocam, pervertem e a manipulam.

Minha inspiração, do meu presente e de meu futuro. Por tristeza, não foi também inspiração de meu passado. Não tão minha quanto eu dela. A tenho. Me tens. Ama-me. A amo.

Sou Jordana, mas como um dos meus grandes amores, a Educação, Jornada. Prazer.

INTRODUÇÃO

Eis que chegamos a mais um conflito. Poderíamos dizer que não somente um, mas dezenas, derivados de três questões: “Senso Comum” é uma Ciência? Ciência é um “Senso Comum”? Se sim – e por que sim - como poderia interferir na Educação?

É a estas perguntas as quais tenta-se elucidar aqui em breves páginas, através da Pesquisa Bibliográfica, uma vez que esta tem um cunho mais conceitual, ideológico, teórico e qualitativo. Sendo assim, buscou-se em artigos, livros, sítios, vídeos, embasamento para o defendido.

Não foi dado nestas páginas juízos de valores, mas sim, um diálogo entre Saberes, onde nos primeiros tópicos são dadas algumas visões de como a Ciência é dada e vista e para a partir daí, trazer perspectivas de análises e discussões entre o dito “Senso Comum” e a Ciência Convencional. O que você encontrará nas próximas páginas são pedaços de mim, revertidos em palavras, onde serei autora e leitora de mim mesma, de minhas verdades e realidade.

O “Senso Comum” fica longe do Conhecimento da Ciência e é utilizado e explicado como um degrau, o primeiro, para a escadaria científica. Além de ser vista apenas como uma rampa de acesso ao início de uma jornada brilhante às certezas do mundo, comprovadas por experimentos e teorias.

A Ciência como a temos merece certo, e para falar com certeza, todo, o respeito que pudermos dá-la. Foi responsável pela descoberta, ou pelo encontro, de resoluções complexas para diversas doenças, psicológicas e físicas, pelas teorias de como o mundo surgiu, de como vai acabar, de como a humanidade está na Terra, como chegou e como sairá dela.

Seu prestígio é incontestável e as motivações pelas quais chegou onde está também. Possui respaldo para poder afirmar e desafirmar o que acredita ser **su**a verdade, mas não para afirmar e desafirmar **A** verdade. Ser humano algum

detém **A** verdade, sobre tudo e todos. Possuímos, entretanto, **AS** verdades, cada qual com a sua, cada sua com seus quais.

A Ciência aqui tratada é dada como atemporal, dentro duma discussão que perpassa os números que carregam os anos, mas sim, que carregam suas ideologias, num conjunto de saberes, mantidos desde sua criação até os tempos atuais, buscando-se desta maneira, não exaltar ou desmerecer a Ciência ou o “Senso Comum”, mas sim, buscar perspectivas de igualdade, mas não equivalência, entre si.

Dito isso, o pensamento dado como do “Senso Comum” não deve ser subestimado nem subordinado à Ciência Convencional, nem o contrário, pois são olhares diferentes sobre o mesmo viver, verdades iguais para cada crente nestas.

Se nem a Ciência Convencional, nem o “Senso Comum” possuem **A** verdade, qual seria então, a relação entre Ciência e “Senso Comum”? Seria “Senso Comum” uma Ciência? A Ciência um “Senso Comum”? Se fosse, o que a tornaria Ciência? Ou um “Senso Comum”? Haveriam métodos, qualidades, características que as assim tornassem?

É no invólucro destas questões, discussões, restrições, proibições, relutâncias e conflitos em que viemos parar e daqui que tentaremos sair, tendo ao menos tentado fazer alguma diferença e esperando que seja positiva.

DO REFERENCIAL TEÓRICO

Para tentar esclarecer mais sobre a questão da Ciência e do Saber contamos com a ajuda de autores como James Bryant Conant (1893-1978, presidente da Universidade de Harvard de 1933-1953), Lino Rampazzo (Pós-doutor em Ciências Sociais aplicadas pela Universidade de Coimbra) e Descartes (1596-1650, considerado o “Pai” da Matemática e da Filosofia Moderna).

Nenhum dos autores é a favor das afirmações aqui postas. Todos defendem uma Ciência Convencional como não sendo o “Senso Comum”. Entretanto, estes possuem linhas de pensamento que nas características da Ciência podiam ser utilizadas para defender este entendimento, ou serem utilizados como argumentos para que pudessem ser contra-argumentados.

De James B. Conant foi extraído seu pensamento e ideologia sobre o que seria a Ciência e qual seu conceito, além de sua (des)aproximação da Ciência e do “Senso Comum”.

De Rampazzo foram utilizados os conceitos de Metodologia, Método, como se daria esse método e suas características.

De Descartes também fora abordada a Metodologia, com seus princípios e explicações, além de alguns pontos da Metafísica que ele aborda, que mesmo advindos do século XVII, perpassam o tempo e ainda moldam a Ciência Convencional.

Ademais destes autores também foi utilizado Rubem Alves (1933-2014, teólogo, pedagogo, poeta e filósofo brasileiro (BIOGRAFIA, [2005-2014], p.1.), (um dos maiores nomes da Educação Brasileira da Modernidade) como Referencial Teórico, pois por muitos não é considerado cientista, mas suas ideologias trazem justamente o contraponto de balanceamento entre os saberes destas escritas. Ao contrário dos demais, muito do que é por ele defendido também é aqui aceito. Dele foram extraídas as concepções sobre a igualdade entre Ciência e “Senso Comum”, tal qual vaias elucidações que fomentaram as perspectivas educacionais de tal relação.

DOS OBJETIVOS

DOS OBJETIVOS GERAIS

O Objetivo geral deste trabalho está em discutir o tema Ciência e Saber e quais são as aproximações e distanciamentos dentre ambos e ver as perspectivas deste estudo na Educação.

DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Além do objetivo geral, também busca-se:

- Debater perspectivas sobre a Ciência e o “Senso Comum”;
- Discutir a hierarquização de saberes;
- Discutir as características, objetivos e métodos da Ciência Convencional, relacionados ao “Senso Comum”;
- Propor a Ciência como também um Saber - “Senso Comum” - e o Saber como também uma Ciência;
- Posicionar possíveis perspectivas da aceitação do “Senso Comum” como Ciência na Educação.

1- DA CIÊNCIA

1.1- DA CIÊNCIA E DO “SENSO COMUM”

Existem vários conceitos de Ciência, cada qual com seus respectivos entendimentos, mas aqui serão elencados apenas alguns dos principais, que foram elencados e explicados por Conant (1958), como forma de esclarecimento da Ciência, mas ainda não de análise crítica.

Há uma teoria da Ciência como Dinâmica em que

a ciência desapareceria completamente se todos os laboratórios fôssem fechados; as teorias, princípios e leis conservados nos textos seriam dogmas, pois se todos fôssem fechados, toda a investigação ulterior suspensa (CONANT, 1958, p.27).

Tal pensamento restringe a ciência à técnica laboratorial e à cientistas convencionais. É como se só eles pensassem. Como se só eles tivessem a capacidade de entender o universo, experimentá-lo e colocá-lo em visualização, em sua “real” forma de fazer Ciência, fazer Conhecimento. Esta percepção não é dada aqui como viável, pois o desenvolvimento do que já está posto é inevitável.

É da essência humana sua maturação e progressão, sua perpétua e constante mutação ao equilíbrio. Se os laboratórios fossem fechados, como dito anteriormente, ainda existiria Ciência, muito além do que livros poderiam impor.

A Ciência ocorre pela própria vontade humana, pela dúvida, pelo desejo de respostas, e não há como tirar isso do ser humano, quanto mais restringir tais interesses à laboratórios. O ser humano não existe apenas no laboratório. Não é só nele que existe oxigênio, comida, vida.

Um exemplo claro disso foi a tentativa de transformar escolas e a Pedagogia em laboratórios, ideia surgida na Europa, no fim do século XIX e início do século XX, com Ugo Pizzoli, que trouxe seu ideal de Laboratório de Pedagogia, e aplicou no Brasil em 1906, com o Laboratório de Psicologia Experimental.

Em 1899, Pizzoli inaugura um Laboratório de Pedagogia Científica. Por intermédio dele, a pedagogia deveria encontrar, principalmente na psicologia experimental, na antropologia geral e especial, e na fisiologia do sistema nervoso "o seu principal fundamento positivo e científico" (CENTOFANTI, 2006, p.1, APUD PIZZOLI, 1900, p. 5).

O laboratório tinha por finalidade a preparação técnica dos professores para a realização de exames em seus alunos e, de certa forma, esperava-se que eles promovessem alguma revolução no ensino, aprendendo de forma experimental a avaliá-los. A expectativa era que o professor cientista fosse psicólogo, antropólogo, fisiólogo e higienista (CENTOFANTI, 2006, p.1).

Na época, as escolas deveriam ter o cunho de pesquisa. Os professores deviam analisar física, psíquica e mentalmente seus estudantes, anotando seus desempenhos, através da chamada "folha biográfica".

Uma das pretensões deste trabalho era o de analisar a "raça" do indivíduo, estabelecendo padrões para cada, criando moldes de pessoas europeias, brasileiras, americanas...

O registro do índice cefálico, da cor da pele, da íris e do cabelo, por exemplo, tinha uma razão específica na configuração italiana, e servia para identificar a raça do indivíduo na população da qual fazia parte. Giuseppe Sergi estava convencido de que a diferença racial era física e mental (CENTOFANTI, 2006, p.1).

Tais ideias não perduraram muito tempo e as escolas-laboratório foram extintas, tal qual a ideia do Laboratório de Pedagogia Científica, e ainda assim, as escolas continuam até hoje sendo locais de desenvolvimento teórico-técnico de aprendizagem científica, tais quais seus professores continuam sendo formados em Universidades e Faculdades e sendo cientistas, desenvolvendo a Ciência Convencional e a Sabedoria numa relação social ampla e contínua.

Se a Ciência deixasse de existir em laboratórios, a Ciência continuaria a existir, porque ela não é presa a paredes, justo porque é maior do que o que dizem dela. A Ciência está em tudo. Se laboratórios, como físico-químicos, farmacêuticos, fossem fechados seria uma perda lastimável e logicamente afetaria o modo como vivemos e pensamos, além de como viveremos e pensaremos.

A Ciência vem sendo realizada muito antes de sua conceituação, da sua organização como o Saber, o “Senso Comum”, que fez alcançar pensamentos, atos e objetivos científicos, ainda que não todos da mesma forma ou com os mesmos resultados da Ciência posterior, por isso mesmo, este conceito, ainda que verdadeiro – a quem o assim aceita - não tem como ser utilizado na perspectiva destas páginas.

Todos os homens que exerceram uma ação real e durável sobre a espécie humana, tanto no domínio temporal como no espiritual, foram guiados e apoiados por esta verdade fundamental, que o instinto comum do gênio lhes fez entrever. (RODRÍGUEZ, 2011, p.4-5).

Enquanto o ser humano for em sua essência o ser inteligente, curioso e questionador que é, e acima disto consciente, haverá Ciência.

Existe outro conceito de Ciência, dado por Conant, como o que poderia melhor significar o que ela realmente é. É um conceito seu e tem como proposta ter a “ciência como investigação”, mais precisamente,

[...] uma série correlacionada de conceitos e sistemas conceptuais que se desenvolveram como resultado de experimentação e observação e são fecundos de experimentações e observações posteriores (id., 1958, p. 28).

Analisando este conceito, podemos entender melhor o que está a ser proposto tanto pelo autor quanto por esta tese. “Uma série correlacionada de conceitos e sistemas conceptuais que se desenvolveram como resultado de experimentação e observação...”. Assim, a Ciência seria dada como postuladora de conceitos desenvolvidos pela experimentação e observação.

Até dado ponto, não há distinção do que é feito no “Senso Comum”, pois da mesma forma em que se criam conceitos e sistemas conceptuais no mundo científico, também se criam no mundo “comum”, também através da experimentação e da observação.

Se uma criança vê um animal, o conceitua através da experiência que tem e o que é observado. Se vê um coelho, de longe, pode criar a hipótese de que tem duas orelhas, que são longas e moles. Brinca com ele e tem a concretização de sua percepção. O conceitua então, por exemplo, como “bichinho de duas orelhas

longas e moles”, podendo criar posteriormente um sistema de conceitos baseado no coelhinho, desde o que come, faz e vivencia até o sua “família” e ação do meio para com este.

A questão central, que diferiria a Ciência do Senso Comum nesta conceituação da Ciência Convencional, segundo o autor, está em: “... e são fecundos de experimentações e observações posteriores”.

O que isso quer dizer? Que depois que algo é analisado, ele será reanalisado e reobservado para que se chegue a conclusão anterior ou a novas conclusões, conceituações, aceite-se ou negue-se a teoria. Mas não é nada que uma criança também não possa fazer.

Se questionada sobre o coelho, ou ao tentar lembrar-se dele dias depois do encontro, pode não ter certeza do que vira, buscar o coelho novamente, ou outro qualquer e certificar-se dos dados obtidos do coelho. Assim, o conhecimento e a conceituação advinda deste conhecimento poderiam variar através da reanálise do objeto ou de seu impacto, de acordo com a alteração entre o que ela se lembrara e o que é.

Outro exemplo que poderia ser dado, dessa vez com base no impacto do objeto ao meio, seria o de uma dança da lua, que seria feita em casos de eclipses, para que o dragão, demônio ou seja o que for, possa devolver a lua ao seu estado natural.

Ao fazer a dança os conhecimentos já teriam gerado conceituações, como o que é a lua, a dança, a relação entre elas... E a dança se perpetuaria até o fim do eclipse, onde a lua voltaria ao seu estado normal.

Neste exemplo, vemos que o resultado esperado foi dado – a lua foi devolvida à natureza – e os indivíduos que estariam realizando a dança acreditariam que foi devido a ela que o objetivo foi alcançado, assim, a verificação é feita através do resultado e a reanálise ou reverificação através do resultado do próximo evento.

Se no caso a lua não voltasse ao normal, então novos conhecimentos seriam adquiridos para dar espaço a novas conceituações e explicações que suprissem suas necessidades, que levariam a novos atos e novas percepções.

Ademais das razões colocadas acima, ainda há a questão da restrição da Ciência à Conceituação. A Ciência não é dada só pela conceituação de objetos, fenômenos, mesmo sendo por observação e reobservação, experimentação e re-experimentação.

Por estas explicações dadas acima, vemos que não é também cabível a este entendimento aqui defendido tal conceituação de Ciência, assim, resta-nos outra conceituação. Segundo o autor há outra teoria, a de que a “ciência é um meio para explicar o universo em que vivemos” (CONANT, 1958, p.27).

Saber o mundo, a vida, a existência, é o princípio e fim da Ciência. Entretanto, Conant (1958) diz que “se considerarmos a ciência tão somente como um contexto de saber, o mundo continuaria a ter todos os benefícios culturais e práticos da ciência moderna, mesmo se todos os laboratórios fossem fechados” (id., 1958, p. 27), o que invalidaria esta conceituação.

É aqui, claro, que devemos parar e entender o que isso quer dizer para explicar porque é este conceito posto aqui como a melhor explicação ao nosso trabalho, uma vez que para o autor esta é cheia de “falhas”.

O que é colocado pelo autor é que se não existissem laboratórios - utilizando-nos do conceito de Ciência como “meio para explicar o universo”- a inexistência da Ciência Convencional, como a conhecemos, não haveria de mudar nada, porque tudo estaria intacto, uma vez que todos temos a capacidade de pensar o universo e portanto, alcançaríamos os mesmos resultados da “Ciência Convencional” por nós mesmos enquanto “Senso Comum”.

Essa é uma das principais colocações para a defesa da não aproximação e igualdade entre “Senso Comum” e Ciência. Mas o dito acima não é o pensado aqui.

O ser humano tem construído seus conhecimentos desde que existiu. Conhecimentos ditos de um “Senso Comum”, em diversas formas e maneiras.

A História nos conta desde antes da existência da escrita como a humanidade buscou responder suas questões, sejam físicas, sejam filosóficas, através de questionamentos e ações.

Schmidt (2009) elenca o histórico de alguns dos principais acontecimentos e descobertas feitas pelo homem até 1.500 a.C. Vejamos:

- 2.000.000 a.C. – Primeiras ferramentas de pedra, osso e madeira feitas pelo Homo habilis.
- 500.000 a.C – Uso do fogo pelo Homo erectus.
- 150.000 a.C - O homem de Neandertal faz lanças, clavas e machados.
- 100.000 a.C – Surgimento do Homo sapiens. Maior utilização do osso.
- 25.000 a.C – Pinturas nas paredes das cavernas.
- 20.000 a.C – Arco-e-flecha.
- 10.000 a.C – Domesticação das cabras e dos bodes na Mesopotâmia.
- 8.000 a.C – Agricultura de trigo e de cevada na Mesopotâmia.
- 7.000 a.C – Vasos e moringas de cerâmica. Canais de irrigação para a agricultura.
- 6.000 a.C – Tecidos de linho e de lã. Objetos de cobre. Barcos primitivos sem remos nem velas.
- 5.000 a.C – Agricultura de arroz na China. Agricultura de milho no México.
- 4.000 a.C – Escrita na Mesopotâmia. Surgimento das primeiras cidades com muros de tijolos.
- 3.500 a.C – Rida e carroças. Arado para a agricultura.
- 3.000 a.C – Armas e ferramentas de bronze.
- 2.500 a.C – Vidro no Egito. Mas seu uso só torna comum em 1.500 a.C.
- 2.000 a.C – Domesticação de cavalos por povos nômades no Irã. Navios a vela no Egito e na Fenícia.
- 1.500 a.C – Instrumentos de ferro (SCHMIDT, 2009, p. 7).

Mas todos esses fatos são científicos? Para muitos não. São apenas acontecimentos, mas não Ciência. Entretanto, todos esses fatos são a própria

construção da tecnologia e da Ciência, é a utilização do conhecimento para gerar sabedoria e princípios da existência humana e universal.

Com o conceito de Ciência a que propomos nos utilizar, para ser científico o fato necessita ser proveniente de questionamentos e respostas que desvelam o desconhecido.

Tais fatos mencionados fazem exatamente isso. Para se caçar era necessário algo pontiagudo, pois feria melhor o animal e o matava com mais facilidade, tendo se apropriado deste conhecimento, o Homo Habilis começa a preparar ferramentas de pedra, osso e madeira, com base num questionamento de praticidade e tecnicismo, ambos conhecimentos indispensáveis para se fazer tais ferramentas e para a própria existência humana, que não são contrários, melhores ou piores, mas que se complementam.

Um conhecimento não substitui o outro. Uma Ciência não substitui outra; Ainda que por vezes opostos os seus entendimentos, os saberes não se autoanulam, eles coexistem como verdades absolutas aos quais neles acreditam.

O “Senso Comum” não pode substituir o conhecimento científico, tal qual a Ciência não pode substituir o conhecimento do “Senso Comum”.

O que ocorre é que um afastamento de ambas as partes, que temem em se compreender e conhecer suas razões. Nós do “Senso Comum”, não conhecemos a fundo a Ciência, tal qual a Ciência não nos conhece a fundo, então nos julgamos e dizemos que são saberes opostos por não conseguirmos aceitar os porquês de cada um, por não podermos pensar e ser, nem por um momento, o outro, e nos negarmos a tentar aceitar que temos todos razão.

“Qualquer teoria científica é uma interpretação entre outras e vale pelo seu teor de diálogo, não pelo seu acúmulo de certezas” (BRANDÃO (Org.), 2009, p.57), e sendo interpretações são conhecimentos postos em prática, na realidade e vida cotidiana, são sabedorias.

Por isso, esta conceituação do que é Ciência é a que efetivamente traz significado do que é a Ciência e que compreende melhor sua totalidade, seu fundamental significado, que é ser “ampla como o significado literal do seu nome,

conhecimento” (BRONOWSKI, 1977, p.14), pois nossos princípios e teorias, conceitos e interpretações são formas de se retratar o conhecimento e torná-los vivos, torná-los sabedorias.

1.2 – DO CONVENCIONAL DA CIÊNCIA

No começo dessas páginas você já leu algumas vezes o dizer o termo Ciência Convencional. Durante todo o texto você vai lê-lo com mais frequência. Toda vez que me referir à Ciência neste texto, será no intuito da Ciência Convencional Mas o que é essa “Ciência Convencional”?

O que coloco aqui como Ciência Convencional é a Ciência Moderna que surge com Descartes - com a Metodologia Científica em seu livro Discurso do Método (1999) -, e que leva consigo os princípios de fases iniciais e mais radicais de seus criadores, que não tem como fundamentos a inserção social em si, nem a visão de outros saberes que não os seus. Trata-se da Ciência como um saber geral, não de uma década ou um século, mas de todo um processo, que nessa crítica, é dada aos princípios inalterados da Ciência.

Desde seu surgimento, ou dos princípios que levaram a ele, muito se alterou, muito se criticou e muito se moldou. Os anos passaram, mulheres começaram a ter direito a voto, escravos foram libertos, economias foram destruídas, países tornados independentes e outros conquistados, duas grandes guerras mundiais, “paz”.

Mas aonde quero chegar com isso?

O processo histórico fez com que a visão inicial de Ciência fosse alterado e várias vertentes da Ciência fossem criadas e os meios sociais e subjetivos inseridos em seu seio.

Exemplos atuais de Ciências, como áreas de conhecimento, ideologias ou métodos de pesquisa que não seguem mais os princípios à risca são:

Pluralismo Jurídico: Idealizado por Antônio Carlos Wolmer, essa teoria enxerga a multiplicidade de Direitos encontrados em ambientes sociais que vão para além do imposto pelo Estado, que dentro do Direito positivista é o detentor de seus feitos, implementações, fiscalizações, é quem gere e produz as leis que serão seguidas por todos, não havendo demais espaços para outras leis que não as suas. “Esse caráter múltiplo decorre justamente do reconhecimento de que o Direito estatal, perante a complexidade, instabilidade e contradições das atuais sociedades, é apenas *uma dentre inúmeras fontes de direito*” (SANTOS, 2009, p.1).

Direito achado na rua: Apontado por Roberto Lyra Filho (Org.) é outra teoria jurídica, advinda do Pluralismo Jurídico, que diz que o Direito existe, nasce, também através da “rua”, de protestos, queixas, reivindicações populares, “urge que a rua seja vista não como mero espaço físico, mas como o espaço simbólico por intermédio do qual os indivíduos se convertem em coletividade” (id.;, 2009, p.1), coletividade esta que gera a Lei, tanto do próprio meio quanto altera e cria Estatais.

Direito Alternativo: Amilton Bueno de Carvalho foi um dos precursores desta teoria que “evidencia justamente uma preocupação em restabelecer o Direito enquanto propiciador da construção de uma sociedade mais justa e efetivamente democrática” (id.; 2009, p.1) e que tem o objetivo de “aproximar o texto legal do caso concreto” (id.; 2009, p.1).

Este novo formato de se ver o Direito também advém do Pluralismo Jurídico e é diferenciado do método positivista original porque busca muito além da ordem social, a justiça social, a efetivação de princípios do Direito que se baseiam em fazer o Certo e trazer Harmonia social. Está preocupado com os meios, com as relações intrapessoais, entre a realidade e o papel, em não fazer da Legalidade, Legalismo.

Pesquisa Participante: Este tipo de pesquisa o pesquisador se envolve diretamente na investigação/meio a ser estudada (o), o que contradiz um dos princípios mais fundamentais da Ciência: Impessoalidade. Ainda que contradiga esse parâmetro, contém em si os fundamentos da pesquisa científica e é, portanto, uma variação desta.

Na maior parte dos casos, a pesquisa participante é um momento de trabalhos de educação popular realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral, populares... Uma verdadeira pesquisa participante cria solidariamente, mas nunca impõe partidariamente conhecimentos e valores. (BRANDÃO (Org), 2007, p.55).

Ciências Sociais: Nas Ciências Sociais há atualmente uma grande diferenciação dos parâmetros científicos positivistas convencionais. Não são mais feitos exames e estudos que podem agredir o paciente sem que passe por Conselhos de Ética. Vê-se o humano como um ser de relações e não mais puramente biológico e um ser de causa/efeito. Mas ainda mantém princípios de metodologia e da pesquisa científica, ainda assim, sendo Ciências.

Pela existência de tantas variações da Ciência é que aqui me refiro a Ciência Convencional como a Ciência utilizada e aceita – muito aceita e muito utilizada – até os dias atuais que mantém seus princípios como dogmas e que não aceitam que nada além de Química, Física, Matemática, Biologia, sejam Ciência, e que restringem à laboratórios e a parte física, orgânica, do mundo e do ser humano a Ciência.

1.3 - DOS OBJETIVOS E QUALIDADES DA CIÊNCIA

Existem objetivos que fazem com que a Ciência Convencional seja regida e possa encontrar suas verdades para seu objetivo maior de entender o mundo e o universo. De acordo com Chibeni (2010) a Ciência possui dois grandes objetivos:

1) A Predição de fenômenos: ... Está interessado em se antecipar ao desenrolar dos processos naturais, prevendo o que acontecerá.

2) A Explicação de fenômenos: ... O segundo dos dois principais objetivos da Ciência é o de fornecer explicações para os fenômenos... apontando-se as causas. (CHIBENI, Tópico 2)

O que isso significa? Primeiro que a Ciência busca a previsibilidade, segundo, que visa a explicação dos por quês. Significa que há a necessidade da repetição em seus princípios, de se dizer, por exemplo, porque chove e que se determinado ato ocorrer, então choverá, logo, B é consequência de A, se A ocorre, logo, B ocorrerá. Por exemplo, se as nuvens ficarem mais cinzas (A), choverá, logo, a chuva é consequência das nuvens ficarem cinzas.

Também significa, que além de saber que a chuva é consequência do tom cinza das nuvens, a Ciência busca entender o porquê disso, o que faz com que essa ação seja contínua ou não, além de como ela ocorre.

Mas o que a caracterizaria de fato? Não são poucas as qualidades atribuídas à Ciência Convencional. O professor Paulo Ramos Coelho Filho em uma de suas aulas de História da Educação Brasileira na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2014, citou treze aspectos - que foram explicados por mim - que contemplariam, até onde alcançam, a percepção das características da Ciência Convencional. São muitas, então, comecemos. Ela é:

1) **Verdadeira.** É somente através dela que o universo seria realmente contemplado, explicado e entendido, de forma universal e aplicada. É a Ciência Convencional que descobre as coisas como elas realmente são, estão, serão e estarão.

2) **Objetiva.** A Ciência Convencional tem como um de seus principais fundamentos a objetividade.

Todo conhecimento é proveniente do meio para o homem. Assim, a natureza é observada e o homem apenas a descreve. Por exemplo, se um cientista decide fazer uma análise de uma cultura indígena, deverá somente descrever o que acontece em seu relatório. Ele deve relatar conclusões a partir do que o meio já provém. As conclusões já existem, não são conclusões dele, são conclusões dadas pelo meio, que ele deve apenas descrever.

3) **Verificável.** Tudo que a Ciência diz é verificável, ou seja, pode ser analisada, vista, reavaliada e revista.

Se uma teoria é dada, como teorias da física por exemplo, elas devem além de terem sido comprovadas por seus idealizadores, poder ser verificada por outros cientistas.

4) **Reprodutível** (Previsível ou Universal). O que é visto é universal e previsível, ou seja, as mesmas razões que fazem determinado fato acontecer sob devidas condições e lugares, fará com que sob as mesmas condições, ela ocorra, tornando-a também previsível e até manipulável, bastando criar condições necessárias e aguardar o resultado já esperado.

5) **Metódica.** A Ciência segue um método, que segundo Rampazzo (2002) é composto por Observação, Hipótese, Experimentação, Indução, Dedução, Análise, Síntese e Teoria, que nesta ordem, são aplicados para qualquer pesquisa e entendimento científico.

6) **Racional.** Racional porque segue uma linha de pensamento contínua, que se integra, com como, onde, por que, quando, começo, meio e fim e uma razão de ação/consequência.

7) **Intencional.** Uma vez que seu objetivo é responder perguntas, para que este seja realizado, é necessário com que o investigador tenha intenção em desvendar as razões de tal e qual fato. A Ciência Convencional não ocorre pelo acaso, porque ele próprio não existe. O acaso seria apenas consequência de outra ação ou outras ações anteriores à este.

8) **Sistemática.** “Sistematização é mais do que organização de dados, é um conjunto de práticas e conceitos que propiciam a reflexão e a reelaboração do pensamento, a partir do conhecimento da realidade” (CENTRO OESTE, 2000, p.10 apud CUT, 2000).

O conhecer a realidade propicia ações e teorias, e estas ações devem ser refletidas, assim como o próprio pensar científico, para que o conhecimento possa ser organizado e ter relação entre si.

9) **Imparcial.** Este é um dos pontos mais cruciais da Ciência. É exigido do pesquisador que seus preconceitos, ideias e ideais sejam extintos de si quando ele se põe ao mérito de responder as questões feitas pela Ciência. Ele “se torna” um ser que não emite opiniões, que não demonstra sentimentos e que é completamente, absolutamente e absurdamente neutro quanto ao que estuda.

Este item diz que no processo de visualização do mundo, no que dissemos da objetividade científica, a verdade está posta e é demonstrada ao indivíduo, ele só capta essa informação e transpassa aos outros.

10) **Mensurável.** Tudo que a Ciência produz pode ser medido, visto, seja em uma perspectiva física, como de peso, tamanho, seja em uma perspectiva teórica, como leis da física. “Mensurar é “o ato de medir””(SOUZA (Org.), 2005, p.1).

11) **Causal** (Causa/efeito). Há uma relação científica de causa e efeito nos acontecimentos, descobertas, teorias, hipóteses. Este princípio advém de Newton, quando publica seu livro *Principia* (1990) e defende três leis da física, onde a terceira diz que toda ação tem uma reação equivalente de mesma proporção e em sentido contrário.

12) **Precisa**. Todos os processos e fins levam a uma conclusão “certa” sobre as explicações, de modo a ter e dar “certeza” sobre os fatos. Assim, a Ciência não erraria. Sua precisão também se encontra em sua metodologia e em suas características.

13) **Rigorosa**. Para alcançar tal precisão, é necessário que os meios, as pesquisas, estudos realizados, sejam de procedência rigorosa, sem erros, passível de análises e reanálises, um processo que alcance praticamente a própria perfeição, assim, o resultado também o será.

1.4 - DA METODOLOGIA CIENTÍFICA CONVENCIONAL

Abordados os objetivos e características da Ciência, falta-nos falar sobre um dos maiores argumentos da Ciência. Metodologia.

Metodologia é segundo Rampazzo (2002) o “estudo do método” e o Método “é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas”. (RAMPAZZO, 2002, p. 13)

A metodologia científica para o autor “é pois, aquela disciplina que ensina o caminho, quer dizer, as normas técnicas que devem ser seguidas na pesquisa científica” (id., 2002, p. 13). As etapas dadas por Rampazzo (2002) para algo ser considerado científico são:

Observação: “aplicar atentamente os sentidos a um objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e exato” (id, 2002, p. 35).

Hipótese: “suposição de uma causa ou de uma lei destinada a explicar provisoriamente um fenômeno, até que os fatos venham contradizê-la ou afirmá-la” (id, 2002, p. 36).

Experimentação: “conjunto de processos utilizados para verificar as hipóteses” (id, 2002, p. 37).

Indução: “forma de raciocínio que chega a afirmar uma verdade geral a partir de verdades particulares” (id, 2002, p. 37).

Dedução: “argumentação que torna explícitas verdades particulares contidas em verdades universais” (id, 2002, p. 38).

“Conant descreve o pensamento indutivo como aquele que vai do particular para o geral e o dedutivo, como aquele que vai do geral para o particular” (MENEZES, 2009, p.1).

Análise e Síntese: “análise é o processo que parte do mais complexo para o menos complexo; e a síntese parte do mais simples para o menos simples” (id, 2002, p. 39).

Teoria: “é empregado para significar um resultado a que tendem as ciências... reúnem um determinado número de leis particulares sob a forma de uma lei superior”. (id, 2002, p. 39).

A Metodologia, o Método Científico são embaixadores de toda pesquisa, teoria, ou ideia Científica. É através deles que as descobertas são feitas, que o mundo é revelado e o Universo “desvendado”.

Essa é uma das razões pelo qual se embasam teóricos de que Ciência não seria “Senso Comum” e “Senso Comum” não seria Ciência.

1.4.1 - DO DESCARTES

Falemos agora num contexto inicial, do criador, ou de quem esboçou, o Método Científico. René Descartes, apenas para elucidar seu pensamento.

Descartes era um pensador, abastardo, que dedicou sua vida ao saber, ao conhecimento, ao entender o mundo. Publicou seu livro mais famoso: *Discurso do Método* (1999), uma autobiografia que dizia sobre suas descobertas, pensamentos, erros e acertos, principalmente no que diz respeito à Ciência Convencional e a Metafísica.

De seus princípios e viagens surgem quatro fundamentos, “passos”, que lhe fizeram ver o mundo e de acordo com ele “encontrar” a verdade.

O primeiro era o de nunca aceitar como algo como verdadeiro que eu não conhecesse como tal; ou seja, de evitar cuidadosamente a pressa e a prevenção, e de nada fazer constar de meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele.

O segundo, o de repartir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las.

O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar—e, pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e presumindo até mesmo uma entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

E o último, o de efetuar em toda parte reações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir (DESCARTES, 1999, p.49-50).

Descartes é aqui mencionado, pois apesar das grandes mudanças sociais e históricas desde do século XVIII até dado momento, a Ciência manteve em seus princípios as características dadas por Descartes, como podemos ver ao analisarmos as características de Rampazzo (2002) com Descartes (1990), que possuem semelhanças em seus processos, de tal forma que um poderia representar claramente o que o outro diz.

1.5 - DO “SENSO COMUM”

“A palavra “senso” se refere a uma espécie de síntese instintiva (mas também intuitiva) imediata, enquanto o termo “comum” indica o carácter ordinário, difundido, provavelmente generalizado, desta faculdade” (PATY, 2007, p.1).

Intuitivo: “Que estabelece uma compreensão (conhecimento), de modo direto e instantâneo, sem a utilização de deduções ou classificações caracterizadas por conceitos” (INTUITVO, [2009-2014], p.1).

Dados os devidos esclarecimentos acima, na caracterização do significado de “Senso Comum”, podemos entender que “Senso Comum” é visto sob a ideia de um conhecimento homogêneo, além de “instantâneo”.

[...] a expressão “senso comum” foi criada por pessoas que se julgam acima do senso comum, como uma forma de se diferenciarem das pessoas que, segundo seu critério, são intelectualmente inferiores. Quando um cientista se refere ao senso comum, ele está, obviamente, pensando nas pessoas que não passaram por um treinamento científico (ALVES, 1981, p.9).

É como se o que é pensado pela Ciência Convencional fosse o oposto ao que as pessoas no geral pensam, uma vez que como a Ciência “não é” “Senso Comum”, não possuiria essa homogeneidade e tampouco seria “instantânea”, havendo assim, o “Senso Comum” e o “Incomum”.

O termo “Senso Comum” realmente não condiz com uma realidade prática, onde pessoas discutem, pensam e repensam, têm opiniões diversas e formações individuais e únicas sobre tudo, onde há e sempre existiu o individualismo do ser humano, seus raciocínios e princípios subjetivos, muito além de sua intuição e de uma falsa ideologia imposta à este de absorver conhecimento sem pensar nele.

As pessoas “não” contempladas pela graça de serem do “Senso Incomum” seriam inseridas no “Senso Comum”. O “Incomum” seria a Ciência Convencional, onde técnicas são utilizadas para responder a perguntas com respostas Universais, que podem ser mutáveis ao delongar dos anos, entretanto,

consideradas verdades concretas enquanto são como estão. O “Comum”... bom, este “é” o conhecimento vulgar, de leigos, instintivo, irracional, empírico...

Rampazzo (2002) coloca o conhecimento popular ou comum como “conhecimento do povo, que nasce da experiência do dia-a-dia: por isso chamado também de empírico... não vai além do fato em si, do fenômeno isolado: é um conhecimento ametódico e assistemático” (RAMPAZZO, 2002, p. 19).

Mas por que o “Senso Comum” é assim visto?

Durante muitos anos o ser humano veio desvendando o mundo e lhe dando explicações a partir do que via, como ainda o faz. O que acontece é que a criação de suas verdades e convicção nelas acabaram por levar a sociedade a uma não aceitação de opiniões alheias, que nós podemos ver com mais clareza quando falamos da Idade das Trevas, onde a Igreja Católica impedia que outras formas de se conhecer e conceber o mundo fossem dadas, que não as suas.

A Ciência Convencional surge séculos depois, como uma forma de oposição à imposição de uma verdade única. Foi dada por pessoas que se cansaram das respostas que o grupo religioso dava e buscou por si seus próprios entendimentos.

Acredito que é aí que está a questão do conflito Ciência x “Senso Comum”.

Com a perspectiva de uma nova forma de Sabedoria, a Ciência quis tanto se afastar da imposição paradigmática do “Senso Comum” – uma vez que era imposto a todos a aceitação dos conhecimentos católicos - estes tornaram-se assumidos como comuns por parte de governos e sociedades -, que durante outros séculos acabou por se tornar o que deplorava, uma instituição de verdade única, mas que atualmente busca sua reanálise e possui o entendimento de que A verdade Única não cabe a nós.

Apesar desta tendência da Ciência Convencional a humanizar e a aceitar diversas verdades, atualmente esta não é a realidade e por vezes a Ciência se coloca e é colocada como melhor do que o “Senso Comum”, por pensar diferente

dele. Mas a Ciência “[...] não é uma forma de conhecimento diferente do senso comum.” (ALVES, 2007, p.11).

A Ciência Convencional possui por si só muito poder, que lhe é auto estabelecido e economicamente passível. Possui em seu dizer e escrever a influência, do que se deve ou não fazer, como e porquê.

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento. [...] Os economistas tomam decisões e temos de obedecer. Os engenheiros e urbanistas dizem como devem ser as nossas cidades, e assim acontece. Dizem que o álcool será a solução para que nossos automóveis continuem a trafegar, e a agricultura se altera para que a palavra dos técnicos se cumpra (ALVES, 2007, p.7-8).

Com este poder estabelecido pela Ciência Convencional e ratificado pela economia, pela produção de tecnologias e pelos seus produtos, o “Senso Comum” acabou por ser deixado em segundo plano, sendo desvalorizado e desmerecido, dando assim, espaço amplo ao discurso de que a Ciência Convencional seria melhor do que ele.

Deste discurso surge o dizer de que o “Senso Comum” é somente uma base da Ciência, o que significa dizer que pensamentos e ações não advindos de laboratórios e análises estritas se utilizaram do “Senso Comum”, como crianças, por exemplo, até que se chegou ao mundo científico-convencional, não se utilizando mais de tal base e voltando-se à Ciência Convencional.

Se desejo entender sobre o funcionamento da chuva, quando pertenço ao “Senso Comum” me utilizo de meu conhecimento sobre o que é chuva e de onde ela vem, por exemplo. Mas alcançando o nível científico-convencional não me utilizo destes conhecimentos para realizar a Ciência. É como se abandonasse tais conhecimentos depois que entrasse num laboratório e começasse do zero a saber o que é a chuva.

O “Senso Comum” não é somente a base do conhecimento científico convencional. Ele é o propulsor e continuista dele, é o que mantém a Ciência viva, como água para o ser vivo. Não é o princípio exclusivamente, como se no conhecimento científico não houvesse “Senso Comum”, o que não passa do

discurso, é meio e também fim deste. O que é colocado como “Senso Comum” é na verdade a Sabedoria de vida humana.

“O senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver” (ALVES, 2007, p.16), por isso a Ciência também é, de certo modo, “Senso Comum” como “Senso Comum” também é, de certo modo, Ciência.

[...] é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras. O fato de uma pessoa ser muito boa para jogar xadrez não significa que ela seja mais inteligente do que os não-jogadores (ALVES, 2007, p.8).

A Ciência Sapiencial não é um trampolim para “o” conhecimento verdadeiro. Ele **É** o conhecimento verdadeiro de cada um. Tal qual a Ciência Convencional também é verdadeira, para cada qual que acredita nele.

As características, Metodologias, princípios, ideologias, são aspectos que moldam e remodelam os Saberes, que os tornam únicos, mas ainda assim, iguais, por serem Saberes advindos de conhecimento.

O “Senso Comum” e a Ciência são muito mais próximos e parecidos do que os vemos, ou da forma em que queremos vê-los e apresenta-los. Não cabe um ou outro se menosprezarem ou supervalorizarem, não cabe a nós o juízo de valores, mas cabe-nos o princípio do respeito e a possibilidade de ver-nos uns nos outros, atentarmo-nos uns aos outros de forma a valorizar o que nos é bom e melhorar o que for preciso.

2 – DA SABEDORIA COMO CIENTÍFICA E DA CIÊNCIA COMO SÁBIA

Antes de começarmos a falar sobre Sabedoria e Ciência. Estou me permitindo falar como Jordana. Acredito que como estou falando de Sabedoria, devo usar a pouca que tenho, e como não posso usar minha sabedoria sem que a trate como efetivamente minha, ainda que moldada por uma sociedade e por milhares de pessoas, então usarei primeira pessoa aqui, sem desmerecer o conhecimento social que obtive ao viver.

Utilizo-me também de um linguajar tanto quanto nada convencional para este tipo de texto, ainda que um ensaio, porque esta é, para mim, a prática do que proponho neste texto, a junção da técnica com a sabedoria. Estou pondo em prática meu ponto de vista. Agora sim, podemos continuar.

Entenda em primeiro momento que o “Senso Comum” é a Ciência Sapiencial, que a Ciência Sapiencial é uma ciência em escala (escalar) e que Sabedoria é diferente de Inteligência e de conhecimento.

A inteligência é a capacidade de escolher entre várias alternativas, de julgar, de discernir. A sabedoria consiste em saber o que fazer com esse conhecimento, como utilizá-lo de forma prudente, moderada e profícua, útil. (ANSELMO, p.22, 2009).

A inteligência permite o conhecimento e o conhecimento é imprescindível à Sabedoria e a Sabedoria imprescindível à vida humana.

Primeiramente, por que sabedoria? É daí que você tirou Sapiencial? Sim, sim. Daí mesmo meu caro leitor. Inicialmente o termo era “Cultural”, “Ciência Cultural”. Mas em uma conversa com um professor de Antropologia da Universidade de Brasília, professor Dr. Jozé Zuchiwschi, ele comentou que Cultura a Ciência Convencional também tinha. Vi que precisava diferenciar a Ciência que estava evidenciando, não separá-las, integrá-las, e então me surgiu a ideia, através de leituras dos textos do Rubem Alves, da Sabedoria. Mas a Sabedoria científica, que pudesse unir o “Senso Comum” à Ciência Convencional, então, Ciência Sapiencial, Ciência de Sabedoria, Conhecimento de Sabedoria. Bonito, não?

A escolha do termo Sapiencial também se dá pela relação entre a Ciência e a Sabedoria. Uma não funciona sem a outra. Não adianta ter mil conhecimentos apenas para tê-los detidos em si. São conhecimentos inúteis até que se encontre o o quê se fazer com eles, como torná-los úteis.

Você sabe o que é um *Citrullus Vulgaris* – Cucurbitaceae? Se você não é da área talvez não conheça e não conhecer seu nome não faz diferença na sua

vida. Mas no momento em que você descobre que *Citrullus Vulgaris* – Cucurbitaceae é na verdade uma simples melancia, então você vê que a utiliza com frequência, seja no abstrato ou no concreto, e que ela é importante para você, porque lhe tem significado. Não há como desassociar um conceito de outro, são duas formas de se entender o mesmo objeto.

Antes de darmos início a nossa discussão, direi o porquê destas aspas todas as vezes que o menciono o termo “Senso Comum”.

Este termo, para mim, é impróprio. Além do fato de não haver “Senso” e que ele seja “Comum” entre todos os não cientistas, o que se houvesse mataria nosso multiculturalismo, este termo soa pejorativo, principalmente porque é sinônimo de “Conhecimento Vulgar” nos meios científicos.

Não acredito nesses conceitos impostos, não gosto deles e não vou usá-los como minha verdade se não o são, mas por respeito à verdade de outrem, que pode vê-lo assim, utilizarei com suas aspas até o fim.

Dados os devidos esclarecimentos podemos ir à Ciência como Sabedoria e a Sabedoria como Ciência.

Para que possamos dizer que Ciência é também Sabedoria e que Sabedoria também é Ciência, é necessário que haja certa igualdade entre as partes.

A Ciência Convencional e o “Senso Comum” possuem uma base comum, que as faz iguais, e diferenciações na aplicação desta base. É como uma árvore com seus galhos mais diversificados e seu tronco unívoco. Mas não é porque numa árvore há galhos que ela deixa de ser árvore. “Somos separados pelo conhecimento e pela experiência; diferimos, embora menos, nas nossas aptidões: mas sob estas, compartilhamos de uma base profunda e capacidades comuns” (BRONOWSKI, p.13).

Que base é essa? As qualidades, a metodologia e o objetivo geral e final. E as diferenças? A forma como essas qualidades são dadas por ambas as partes e a aplicação da metodologia e das qualidades de ambas as partes, além da obrigatoriedade de certas características e a formalização do conhecimento.

Somos iguais por possuímos as mesmas qualidades e metodologia, sem nos prender somente a estas, e diferentes por como nos utilizamos e construímos tais características e conhecimentos.

2.1 - DAS QUALIDADES CIENTÍFICO-CONVENCIONAIS/SAPIENCIAIS

Agora falaremos das características da Ciência Convencional e suas semelhanças e diferenças com a Ciência Sapiencial, já fazendo uma análise crítica num diálogo entre Saberes.

(1) **Verdadeira** – Tal qual a Ciência Convencional, a Ciência Sapiencial é verdadeira, **completa e totalmente** verdadeira. Mas é essa verdade é subjetiva-objetiva ao indivíduo. Vamos realmente começar do começo. O que é verdade?

“Verdade significa aquilo que está intimamente ligado a tudo que é sincero, que é verdadeiro, é a ausência da mentira”. (VERDADE, [2011-2014], p.1).

No que você acredita?

Digamos que você acredite que a água ferve porque fica muito quente. Essa vai ser a sua verdade. É nela que você acredita e é o que você defende, porque é assim que você vê o mundo, e para você, é assim que ele se revela.

Essa foi de longe a parte mais difícil de explicar. Passei dias tendo crises existenciais e no final, cheguei ao mesmo resultado que Descartes, antes mesmo de saber que ele dizia isso. Nunca havia lido suas obras antes. Descobri que as discussões eram Metafísica e Teologia puras. Sou linda, eu sei (parte 2).

Mas o que é que ele diz?

Vai demorar... Respira fundo.

Nós somos humanos, certo? Certo.

Para nós conhecermos o mundo dependemos de nossos sentidos, visão, paladar, tato, olfato e audição. Mas nossos sentidos nos enganam. Em seu livro Discurso do Método (1999) Descartes diz que nossos sentidos não são confiáveis, porque vemos o sol pequeno, mas não o é. Não podemos deduzir que o sol tem o tamanho que vemos.

Se a nossa única forma de compreendermos o mundo é através de nossos sentidos e nossos sentidos são falíveis, como podemos provar o que é ou não é real?

Simples, não podemos. Nós conhecemos parte da realidade. É aí que entra sua famosa frase “eu penso, logo existo” (DESCARTES, 1999, p.62). Se tenho consciência, então eu existo e sou real. A realidade que temos ao nosso redor é verdadeira e existente, ela é real. Mas não a contemplamos em sua plenitude e o que contemplamos pode não ser exatamente como cremos.

Se perguntado a alguém qual a cor do céu, inúmeras respostas surgirão. Dependerá do ponto de vista de cada um. Mas como nós não conhecemos a plenitude da realidade, não podemos ter certeza absoluta da cor do céu. Cores sequer existem, são refrações da luz.

Sendo assim, é impossível um grupo de pessoas deter a verdade absoluta. Ela não é dada a humanos. E eles são humanos. Logo, não detém a realidade.

A Ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia (SANTOS, 2009, p.85).

Enquanto formos humanos ou dependermos de nossos órgãos falhos para conceber o mundo, as respostas sempre poderão ser incompletas ou negadas perante a realidade, mas jamais perante as verdades, porque cada um vê a realidade uma forma.

Sendo assim, cada ser humano pode descrever um pouco da realidade. Como que a água quando muito quente, ferva. Porque não sabemos como ela realmente é. Então tudo pode ser. Mas não é porque tudo pode ser que realmente seja. Não é porque toda verdade existe que faça parte da realidade. São várias interpretações da realidade, não várias realidades.

“Pois a razão não nos sugere que tudo quanto vemos ou imaginamos seja verdadeiro, mas nos sugere realmente que todas as nossas idéias ou noções devem conter algum fundamento da verdade” (DESCARTES, 1999, p.68).

Tudo o quanto pensamos como verdade tem um valor imenso, porque são nossos princípios que norteiam toda a humanidade, e assim como pode alimentá-la e dar-lhe paz e vida, também pode deixá-la faminta e dar-lhe a guerra e a morte.

(2) **Objetiva** - É fundamental o entendimento de que os resultados da Ciência vêm do meio. É o que a faz objetiva. O homem apenas o descreve.

Digamos que seja necessário entender o funcionamento de um ecossistema brasileiro. O pesquisador apenas iria observá-lo e transcrevê-lo. Analisar a terra, os tipos de animais, vegetação... A informação já é posta. A terra já está lá, como os animais, a vegetação... Basta ao estudioso descrever o que vê, como uma verdade única e neutra.

No que se refere ao conhecimento vir do meio para o indivíduo e este apenas ser um tradutor deste conhecimento, assim também ocorre na Sapiencialidade. Este ponto era outro que “diferiria” a Ciência Convencional do “Senso Comum” dentro da questão da Objetividade. Mas não o é, pois todo o conhecimento adquirido surge do meio. Cada indivíduo já está envolto em seu ambiente e assim, só o traduz.

Em minhas aulas de Geografia em Educação na Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2014, ouvi duas afirmações sobre objetividade, advindas de uma professora, Cristina Leite, que aparentemente são contraditórias ao afirmarmos a igualdade, não equivalência, entre Ciência e “Senso Comum”. Analisemos.

- 1- *O conhecimento do “Senso Comum” se dá do indivíduo para o meio.*
- 2- *O conhecimento da Ciência se dá do meio para o indivíduo.*

Elas não são opostas. Na verdade, significam a mesma coisa. Quando dizemos que no “Senso Comum” o conhecimento vem do indivíduo, estamos dizendo que é ele quem vai traduzir o meio, explicá-lo. Quando dizemos que a Ciência tem

seus conhecimentos advindos do meio para o indivíduo, estamos dizendo que o meio propicia os conhecimentos e o cientista os traduz.

À priori o que a primeira afirmação diz é que o conhecer do “Senso Comum” quem dá é o indivíduo. Os saberes vêm dele. Não é um conhecimento “objetivo”.

A segunda diz que o conhecer é dado pela natureza ao homem. Como numa fotografia, veríamos a imagem “real” do ambiente. Este seria objetivo.

Compreenda que apesar de parecerem coisas diferentes, estamos falando da mesma coisa. São dois seres humanos adentrando no mesmo ambiente e analisando-o. Se um terceiro e um quarto (uma outra pessoa do “Senso Comum” e outro cientista) fossem avaliar suas descrições encontrariam “erros” e não descreveriam da mesma forma, não veriam as mesmas coisas, nem sentiriam, analisariam ou veriam da mesma forma.

Os humanos postos à análise descreveriam o ambiente cada um a sua maneira, o que nos leva a compreensão de que não é somente o meio que transmite informação ao homem, mas também o homem traduz o que lhe é transmitido. O homem não é vítima do meio, nem o meio completamente sujeito ao homem. Há uma interação entre eles, porque eles se integram.

Ora, se o conhecimento é dado pelo homem, traduzido por ele, e advém do meio, não há contraposição das teses. Estas são complementares, mas dizem a mesma coisa: O meio está aí e o homem o traduz.

Assim sendo, a objetividade e a subjetividade estão claramente postas na Sapiencialidade. A Ciência Sapiencial é objetiva quando o meio traz os conhecimentos ao homem, mas subjetiva quando este o traduz.

Neste aspecto das características a Ciência Sapiencial não diferiria da Ciência Convencional, não na prática, mas em teoria sim. A Ciência Convencional admite uma neutralidade do pesquisador, mas tal neutralidade não existe, pois, ao descrever o meio, já está interferindo em sua descrição através de seus instintos e sentidos.

O que isso significa na Objetividade? Significa que cada grupo, dupla, pessoa ou sociedade tem sua justificativa única para tudo e que toda justificativa é válida porque na interação meio-indivíduo, esta foi a forma com que a realidade se deu ao homem e o homem absorveu a realidade.

Cada qual tem suas expectativas, vivências, crenças. Por mais que contraditórias entre si, são verdades para cada parte, explicando assim, a objetividade-subjetiva.

Voltemos ao ferver da água. A pessoa que me respondeu sobre o ferver da água, me deu uma resposta, sua resposta, que foi neste caso, “Porque a água fica muito quente”.

Essa é a resposta subjetiva, a explicação pessoal do indivíduo sobre o universo do ferver. Se pergunto ainda, “Se eu te levasse para a China, a água ainda ferveria porque está muito quente?”, ela me responderia provavelmente que sim ou que não sabe. Mas seu não saber não entra no quesito Científico, nem Convencional, nem Sapiencial, porque não há uma verdade formada sobre o fato. O processo de interação entre meio-indivíduo ainda está sendo dado.

A objetividade está no sim, em ver que a água ferve em qualquer lugar, em qualquer tempo, em qualquer horário, dia, pela mesma razão. A água aquecida a uma alta temperatura, ferve. O mesmo ocorre com a Ciência Convencional. Mas sua explicação está na no grau de excitação molecular, nas trocas de energia... São explicações distintas do mesmo fato, mas que seguem uma linha única, que é a de justificar o ferver da água através de teorias, se utilizando do que veem, da realidade que enxergam.

Assim, a objetividade está em ver tudo, seus porquês, por quês, e contextos, num sentido de também dar respostas únicas a estes eventos, independente de como, onde, quando, ocorram. Mas a subjetividade está em cada grupo ou indivíduo trazer seu próprio significado ao evento.

Mas é necessário entender a diferença entre crença e convicção para entendermos melhor este ponto.

A crença é subjetiva. A convicção é baseada num conhecimento empírico ou numa filosofia positivista. Mas antes de estar-se convicto é preciso crer ou descrer, a priori, de alguma coisa, para então, a posteriori, submeter o objeto de estudo a uma exaustiva e extenuante análise, burilando, escoimando, lapidando o objeto da crença ou descrença até torná-lo irrepreensível, irretocável, irrefutável. Só então terás a convicção (ANSELMO, p.23, 2009).

A crença gera convicção. Inicialmente tem-se um entendimento, uma crença, e essa análise que a faz convicta já existe por si só, no processo de criação e consolidação da crença, pois verdades não são dadas e aceitas sem compreensão, tem de haver persuasão e coerência no discurso.

Logo, quando se crê em algo, cria-se a convicção naquela crença, de que ela é real, verdadeira e universal, e ainda assim subjetiva, individual, porque só ele acredita, formando o que Anselmo (2009) chama de “Verdade Micro Cósmica”.

“A verdade de cada um é uma verdade micro cósmica até que alguém ou algo nos desvele a verdade em si” (ANSELMO, p.24, 2009).

(3) **Verificável** – Da mesma forma que na Ciência Convencional, o que se cria de hipóteses, teorias e dilemas sobre as perguntas do universo são verificáveis, vistas. Na Ciência Sapiencial as teorias, hipóteses e dilemas também são verificáveis.

Se o um grupo diz: “Esta erva é boa para feridas”, a verificação já foi feita. Indivíduos deste grupo testaram várias ervas até que pudessem encontrar uma que cicatrizasse melhor a ferida e descobrir que ela era boa para feridas.

Muitos medicamentos, cremes, chás, produzidos hoje em laboratórios e vendidos como praticamente milagrosos vieram de estudos com base no que índios e pessoas mais velhas da nossa sociedade usavam. Questionava-se o como aquilo funcionaria, ou se realmente funcionaria, e então reproduziam para venda em larga escala.

Neste pensamento também há a objetividade-subjetiva percebeu? Não? Ok. Então vamos lá.

Se alguém diz a você que o gelo é quente porque ele queima, e esse alguém acredita nisso, você pode não entender, negar, indicar as contradições possíveis e impossíveis e ter sua verdade, mas esse alguém já vai ter experimentado o que diz e vai ter tornado esta afirmação sua verdade e poderá verificá-la reproduzindo o processo. Caso a experiência dê errado, criará novas hipóteses e novas experimentações que produzirão sua nova verdade.

Se acreditamos que água ferve quando está muito quente, nossas experiências nos levaram a crer nisso, pois este foi o resultado encontrado. Para nós, se aquecermos muito a água, seja em sua casa ou seja na China, a água ferverá. Se formos à China e lá mesmo se água muito quente não ferver, criaremos outra hipótese, experimentaremos de novo ou algo novo, perguntaremos e com isso criaremos um novo saber, uma nova hipótese.

(4) **Reprodutível** (Previsível) - A questão da Universalidade é dada através do mesmo princípio da verdade, ou seja, objetividade-subjetiva.

Se possuo uma verdade, tal verdade será minha verdade até que outra venha a combater-lhe e então demonstrar suas falhas ou contradições. Mas até que tal ato ocorra, minha verdade ainda será uma verdade universal.

Se nossa criança cresceu, a do arroz, e foi viajar, para a Transilvânia, num intercâmbio. Essa pessoa, depois de trinta anos de sua descoberta sobre o arroz, resolve fazer arroz. Ela pegará a água, ferverá e colocará no arroz, com direito a temperos e coisas assim, conhecimentos que adquiriu posteriormente, e fará seu arroz.

Ela seguiu o princípio de sua verdade de trinta anos atrás. Sua verdade é a que adicionando água fervendo ao arroz, ele cozinhará. Aonde quer que ela esteja, que vá, que fique, sua verdade será a mesma. Dando assim, o entendimento de Universalidade.

Mas e se ela conhece alguém que faz arroz sem água? Então haverá um choque e sua verdade será moldada, mas sua nova verdade será também universal, pois aonde quer que ela vá, poderá fazer arroz sem água.

Entrando num âmbito religioso, para dar uma exemplificação, se um indígena acredita que a colheita é fruto de um Deus, então aonde quer que vá, se plantar, ao colher saberá que aqueles são frutos do Deus. Seja na China, na Transilvânia, no Brasil. Suas crenças o acompanham aonde for, até que sejam moldadas por novas verdades.

Está aí a objetividade-subjetiva, onde o indivíduo tem suas verdades particulares, a subjetividade, e ainda assim a universalidade, objetividade.

(5) **Metódica** – Como assim Metodologia Sapiencial? Sabedoria tem receita?

A Metodologia da Ciência Sapiencial é não ter metodologia tendo metodologia. É ser livre ainda que presa. É ter receita não tendo.

Como existiria com dois contrapontos assim?! Seria um absurdo! Seria. Mas não, tal qual o gatinho de Schrodinger também não o é.

A Ciência Convencional traz uma enormidade de regras, objetivos e linhas para que uma teoria ou área seja considerada científica. Entretanto, tais regras, objetivos e linhas se aplicam a tudo, inclusive ao “Senso Comum”, como já fora explicado antes, ainda que subjetivamente e de formas diferenciadas. Por isso a concórdia com Conant (1958) quando diz que a metodologia científica não existe enquanto exclusiva, por ser aplicável a tudo, mas ao mesmo tempo existe, por estar posta.

Ainda que a grande maioria dos cientistas acredite que a Metodologia Científica é de uso exclusivo da Ciência, há autores que defendem que ela é universal, mas agem de forma diferenciada entre si. A citação abaixo, de Conant (1958), nega a existência de uma Metodologia como fundamento exclusivo da Ciência.

Se isso fosse tudo no que concerne à ciência, poder-se-ia dizer, repetindo as palavras de um contemporâneo crente em um método científico, ou a ciência como método “consiste em perguntar questões lúcidas que possam ser respondidas a fim de guiar as observações que são feitas de maneira calma e sem preconceito, relatadas tão acuradamente quanto possível e de tal modo que respondam às questões feitas no princípio; quaisquer suposições mantidas antes das observações são

agora revisadas à luz do que aconteceu”. Mas se alguém examinar sua própria conduta sempre se defronta com uma emergência prática (como, não conseguir dar saída ao automóvel) reconhecerá na citação precedente o que ele mesmo tem feito com frequência... Aí a ciência e o senso comum, sem dúvida, parecem ter se reunido. Mas observai atentamente, unem-se apenas na afirmação da operação final. Ao investigarmos a trilha do argumento, as diferenças tornam-se evidentes. Há diferença quanto aos objetivos, às hipóteses auxiliares e às suposições (CONANT, 1958, p. 46-48).

Parece confuso, mas vamos já elucidar isto. Tomemos por exemplo a Educação.

Educação é uma área que está absolutamente em tudo, subjetiva ou objetivamente. É a essência humana, para além de sua genética, claro. Assim, poder-se-ia colocar que o tema Educação seria um pré-requisito para se formular uma tese e tê-la como aceita. Mas a tese, de qualquer tema que seu autor escolhesse, teria implícita ou explicitamente, o tema Educação envolvido, porque ela é reflexo e reflexão da própria humanidade.

Portanto não há como colocar este como requisito, porque efetivamente não está se filtrando nenhuma tese. Não é porque não há nela a palavra Educação que ela não esteja falando de Educação. Esclareçamos.

Se nas Ciências Sociais cria-se uma tese de Ideologia em Marx, onde se fala sobre esta Ideologia nas redes televisivas nacionais de maior influência.

A Educação está implícita no conceito de Ideologia, porque ideologias são transmitidas e de acordo com Marx são uma forma de dominação das classes populares, e quando transmitidas são em si já Educação. Tal qual o conceito de dominação, que para que seja exercida há a necessidade de entender-se que há dominantes e dominados, e que por determinadas razões uns mandam e outros aceitam. Educação imposta. Enfim, há Educação em tudo no que tange a humanidade.

Tal qual o tema Educação está em tudo, deste modo implícito ou explícito, as técnicas, métodos, características da Ciência Convencional também se aplicam ao “Senso Comum”, de formas diferentes, entendimentos diferentes, mas que se complementam e se integram durante todo o processo de aprendizagem e conhecimento humano acerca de tudo em todo saber. Não sendo opostas ao

ponto de se anularem, mas influenciáveis uma pela outra e complementares uma da outra.

A Ciência Sapiencial, termo que criei para designar ao dito “Senso Comum”, vê as formas de como o homem se relaciona diferente do modo que a Ciência Convencional vê e explica todas essas relações, assim como toda forma de conhecer e o próprio conhecimento são diferentes uns dos outros, mas com pontos em comum.

Por exemplo, na fase Oral do desenvolvimento humano de Freud, a explicação pela qual a criança pequena, até os dois anos de idade, coloca tudo o que vê na boca, é porque está fazendo um reconhecimento do meio através da forma com que ela conheceu primeiramente o mundo, que é através do seio de sua mãe.

O peito da mãe é o primeiro contato social, físico, que a criança tem e ela busca reproduzir o sentimento de segurança que encontrara na amamentação, no mundo, colocando assim, tudo o que vê pela frente na boca, buscando a estabilidade e o conforto que sentira outrora. “O “gostar” ou não “gostar” da criança poderia ser expresso como “quero colocar na boca” ou “quero tirar da boca”” (KESTER, 2002, p. 28).

Uma das hipóteses da Ciência Sapiencial para responder o porquê da criança colocar tudo o que vê pela frente na boca é o crescimento da dentição, onde sua gengiva coça e fica irritada e para eliminar esse desconforto a criança coloca na boca objetos que possam cessar tal incômodo.

É claro, nesta situação, que uma teoria não necessariamente opõe a outra, mas que são formas diferentes de se ver a mesma coisa e que não há uma resposta única para todas as formas de ver o mundo, mas diversas. Aqui também podemos ver que nenhuma possui uma explicação irracional do ato do bebê, todas buscam através de seus olhos e explicações compreender o acontecimento.

De fato ambas as situações ocorrem, no sentido de que não só ocorre uma situação, mas também a outra e ambas se complementam para explicar o porquê

das crianças de determinada fase colocarem tudo o que veem pela frente na boca.

“O bebê leva a mão e tudo o que pega à boca, principalmente para aliviar a coceira das gengivas” (PEDIATRIA, [2012?], p.1).

Mas o que está nessa subjetividade ou objetividade? Qual a Metodologia?

Observação, Hipótese, Experimentação, Indução, Dedução, Análise e Síntese e Teoria são os princípios que Rampazzo (2002) elenca para a metodologia científica. Podemos analisar isso também na exemplificação do descobrir do colocar tudo que vê pela frente na boca da criança. Vejamos.

Observação: A mãe/pai vê que a criança coloca tudo o que vê pela frente na boca.

Hipótese: Ela(e) pode sugerir que isto é advindo de fome ou de incômodo.

Experimentação: A criança é alimentada e continua colocando tudo o que vê pela frente na boca.

Indução: Induz que a criança não tem fome.

Dedução: Se o problema não está na fome, então pode estar na segunda opção, que é o incômodo.

Análise e Síntese: O pai ou mãe buscam entender o que trazem os objetos à criança para que ela os coloque na boca e entendem que os objetos podem aliviar seu incômodo.

Teoria: A criança cessa o incômodo da gengiva com os objetos que vê a sua frente.

Vamos à outro exemplo?

Você está guiando um automóvel e repentinamente ele para... Se uma pessoa não sabe coisa alguma, só lhe resta chorar e esperar que alguém pare para ajudá-la. Se não for esse o caso, porém, ela poderá ter a ideia de abrir a tampa do motor, ver se há algum fio solto, dar algumas batidinhas nas peças. Esse comportamento revela muita coisa. A pessoa sabe que o motor funciona porque há canos por onde circula a gasolina, canos que

podem ficar entupidos. Caso contrário, suas batidinhas não teriam razão de ser. Ela sabe também que a eletricidade tem de fluir, que isso não ocorre quando os fios estão desligados ou arrebitados (ALVES, p.17, 2007).

Vamos da Ciência ao “Senso Comum” e do “Senso Comum” à Ciência. O carro está quebrado. Primeiro é feita a observação, para verificar se está tudo em ordem. Em seguida, levanta-se uma hipótese sobre qual seria o problema, encanamento ou fios, por exemplo.

A pessoa abre a tampa do motor, Experimentação, e vê fios soltos. Induz que o problema pode estar na fiação e deduz que houve desplugamento dos fios. Ao analisar verifica se, por exemplo, que os fios estão soltos, procura-se o ponto de encaixe destes.

Digamos que haja cores nos fios e nos plugues, onde há fios vermelhos, azuis e amarelos e plugues vermelhos, azuis e amarelos. Ou então a sigla do encaixe ou algo que possa identificar os locais onde devem ser postos os fios. Analisa-se então o fato de haver essa coerência fatural e faz-se uma síntese em seguida, juntando as hipóteses levantadas. Deve-se colocar cada fio em seu respectivo plugue, que é a teoria.

A teoria concluída por essa pessoa é: o carro não funciona porque os fios estão desplugados, ao conectar os fios aos seus respectivos plugues, o carro voltará a funcionar. Essa teoria pode ser aceita ou refutada, de acordo com o resultado.

Digamos agora que a pessoa plugue os fios corretamente e tenta ligar o carro. Se ele funcionar, pimba! Teoria aceita e a solução do problema está dada. Caso o carro não ligue, então volta-se ao início de todo o processo.

Além da teoria de Rampazzo (2002), ainda temos de analisar os dizeres de Descartes. Vamos a eles?

2.1.1 DE DESCARTES

Vamos conversar um pouco sobre a situação dessa Metodologia criada por ele. Acredito que devemos trazer seus escritos, como respostas a perguntas sobre a Metodologia criada por ele.

- Qual é o propósito da criação desta Metodologia?

Meu propósito não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo me esforcei por conduzir a minha... Jamais o meu objetivo foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos e construir num terreno que é todo meu (DESCARTES, 1999, p. 37-46).

- Por que seguir este Método?

“A satisfação que isso me proporcionava preenchia de tal forma meu espírito que tudo o mais não me atingia” (id., 1999, p.57).

Apesar de Descartes ter morrido em 1650, suas respostas continuam intactas como se tivessem sido traduzidas em 1999 em São Paulo. Mas podemos agora voltar a 2014.

Vamos ver se entendemos bem essa história. Descartes viveu numa época de transição, o começo dela, do conhecimento religioso ao conhecimento científico-convencional.

Com suas descobertas, principalmente a concretização de nossa existência através de seu pensamento mais conhecido, “penso, logo existo”, a população que buscava outras formas de conhecimentos que não o do da época, fizeram dos caminhos de Descartes princípios a serem seguidos por toda uma nova Sabedoria.

Talvez pelo sentimento de satisfação que seu autor sentia, da tentativa de entender o mundo como ele o vira e de ser preenchido de uma estabilidade que a existência na Terra não provém.

Vamos ver o lado Sapiencial da metodologia Convencional de Descartes. Sigamos aos preceitos, mas parte a parte, nem que tenhamos que dividir cada uma em várias outras.

1) “O primeiro era o de nunca aceitar como algo como verdadeiro que eu não conhecesse como tal;” (id., 1999, p.49).

Toda pessoa tem suas verdades e acredita nelas, as aceita e as reconhece como verdadeiras. Se alguém acredita que água ferva quando aquecida, esta é sua verdade e para tanto crê em sua veracidade. “Apesar de presumir que estava sonhando e que tudo quanto via e imaginava era falso, não podia negar, não obstante, que as ideias a respeito não existissem verdadeiramente em seu pensamento” (id., 1999, p.64).

Afirmo novamente e quantas vezes forem necessárias: Não conhecemos a realidade em sua plenitude, mas não é porque o que cremos não faça parte desta realidade, que deixem de existir enquanto verdades. Tudo o que se acredita existe, mas nem toda crença é parte da realidade viva.

A verdade de cada um só aceita enquanto verdade depois de passar por um crivo de razão, por questionamentos pessoais, que embasem cada uma delas e as faça ser efetivamente verdadeiras.

1.1) “...ou seja, de evitar cuidadosamente a pressa e a prevenção,”(id., 1999, p.49).

A pressa e os medos – o que gera a prevenção - podem realmente fazer com que o ser humano se confunda, mas ainda com estes, toda verdade que se crê ainda assim será sua verdade. Ainda que seus medos não tenham “fundamentos” ou que a pressa o faça absorver informações em demasia, toda verdade ainda é uma verdade e “evitar cuidadosamente a pressa e a prevenção” não muda o fato de quem crê seja no que for, tem suas razões de fazê-lo.

1.2) “... e de nada fazer constar de meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele” (id., 1999, p.49).

Não ter motivo algum de duvidar de seus juízos é torná-los verdadeiros para si, porque lhe dão a certeza que necessita para suprir seus questionamentos.

O sentimento de Descartes é também o sentimento de uma criança e de toda a humanidade quando se depara com novas verdades.

Quando tentam nos persuadir, tentam nos encaminhar a crer em verdades outras que não as nossas e não aceitamos facilmente qualquer razão. Questionamos, duvidamos e refutamos, fazendo de tudo para termos a clareza e a certeza de outras verdades e de suas compatibilidades com nossa visão de realidade.

2) “O segundo, o de repartir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las” (id., 1999, p.49).

A Sapiencialidade também tem a característica de análise do todo em partes para sua solução. Isso ocorre até em alunos quando estão fazendo provas ou ocorre, por exemplo, em qualquer texto com Introdução, Desenvolvimento e Conclusão.

Quando o estudante está realizando uma prova pode analisar a questão e dividir afirmação por afirmação para ter certeza de que leu corretamente para solucioná-la. Assim como descarta pela lógica questões erradas até que encontre a que melhor se enquadre na resposta exigida. Ou quando ele resolve uma questão matemática onde vai fazendo parte a parte do das exigências, anotando-as, para que se organize e solucione a dúvida.

Num texto, para conseguir organizar e melhor entender o que é que se deseja informar, qual o conhecimento ali exposto e para melhor inclusive expô-lo e argumentar sobre ele, divide-se o texto inteiro em Introdução, Desenvolvimento e Conclusão, ou o reparte em tópicos, 1, 2, 3, 3.1, 3.2... Ou nem precisa de tanta técnica assim. Quando alguém escreve um texto e só desenvolve suas ideias, o faz por etapas. Se vai falar sobre sua vida, separa sua juventude de sua velhice. De culinária, separa os ingredientes do preparo. E assim por diante.

Organizar as coisas em partes é algo natural humano, é um processo que facilita visualizar o todo, organizar as partes e identificar problemas, possibilidades, probabilidades.

3) O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar— e, pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e presumindo até mesmo

uma entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros (DESCARTES, 1999, p.49-50).

A Sabedoria propicia este princípio de Descartes tanto quanto a Ciência Convencional.

Fazemos isso desde pequenos. Ir do mais simples ao mais complexo. Começamos a vida apenas enxergando, nos apropriando de nossos corpos, nossos sentidos e do meio que nos rodeia, sem termos certeza do que é ou como ou o que fazer sobre e com tantas informações.

Depois nos aprofundamos em relacionamentos, entendemos relações de amor, medo, passamos a decifrar códigos de linguagem corporal, da própria fala também, e passamos a transmitir nossos desejos, repetir gestos, descobrir gestos, palavras, desenhos. Nos expressamos e começamos a ter consciência do mundo além de nós.

Andamos, brincamos, vivemos. Aprendemos o certo e o errado de nossas culturas, crescemos, estudamos, aprendemos novamente, mas agora a lidar com o começo de nossa independência e em lidar com outras culturas, outras consciências e outras opiniões.

Desenvolvemos nosso emocional e racional, amadurecemos. Chegamos ao contato sexual, a reprodução. Entendemos o que é, para que serve, sua importância. Nos vemos como parte de uma natureza que precisa se reproduzir para existir. Vamos à universidade, confrontamos ideias, hierarquias, ou fazemos isso quando nos encontramos trabalhando ou em casa com nossos pais e/ou parentes.

Amadurecemos ainda mais, respeitamos, desrespeitamos, idealizamos, realizamos, morremos.

São processos que começaram com o nascer, com o mexer de dedos, com o sentir e que levam a razão existencial, a desejos e princípios, confrontações destes até que chegue à morte e no que vier depois dela.

Todos esses processos sociais e naturais da humanidade – enquanto em conjunto -, não são pensados separadamente. São correlacionados com outros momentos de nossas vidas, outros princípios.

Estamos no presente pensando o passado e o futuro e por vezes fazemos e pensamos em coisas que não têm relação direta com nossas dúvidas, mas que podem ser suas causas e soluções.

Percebendo este item numa visão menos biológica, podemos exemplificar uma lista de compras, uma agenda, uma viagem.

Ao fazer uma lista de compras vemos o global, a necessidade de comprar, e o repartimos em partes menores, em setores, para não nos perdermos. Limpeza, alimentação, higiene pessoal... Numa agenda, vemos o global, a necessidade de preparar datas e eventos, para não confundi-los ou perdê-los, e dividimos em partes. Janeiro, dia primeiro...dia trinta e um...dezembro, dia primeiro... dia trinta e um. Organizamos em fases nossos compromissos. Férias, época de trabalho, estudo, horário de verão. Numa viagem organizamos também o todo em partes, propiciando desde o meio de locomoção, ao vestuário e ao dinheiro necessário para cada parte, integrando as partes ao todo.

4) E o último, o de efetuar em toda parte reações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir (DESCARTES, 1999, p.50).

Como disse há pouco, quando criamos em nós nossas verdades, estas se tornam absolutas, e a certeza do nada omitir vem da certeza da própria verdade, pois somos seres inconformados com conhecimentos pela metade. Pesquisamos e buscamos respostas incansavelmente até que estejamos satisfeitos com o resultado do crivo de razão pela qual passam as informações antes de se tornarem verdades. Nossa verdades.

Assim, ao acreditar em algo, não se vê faltas ou omissões, até que outra verdade lhe confronte.

(6) **Racional** – O ser humano é racional. Isso significa que ele só por ser este animal, já pensa, raciocina e definitivamente vai além do que se vê. Ou seja, a racionalidade é uma característica humana, e não de um único saber. Vamos entender melhor o porquê.

Tomemos por exemplo uma experiência realizada por cientistas com cinco macacos, uma escada, bananas e água fria, dada para analisar o comportamento animal e suas reações lógicas. Este exemplo explica bem o ponto que pretendemos chegar com essa discussão.

Num cômodo há uma escada, que no topo tem um cacho de bananas. Há também cinco macacos e um sistema d'água que é acionado se algum dos macacos pegar as bananas, molhando todos os demais.

Toda vez em que um dos macacos subia as escadas para pegar as bananas, os cientistas jogavam água em todos os outros. Deste modo, todas as vezes em que algum macaco tentava pegar as bananas, sempre, todos os outros ficavam encharcados com água fria. Então, para não ficarem nesta situação, quando um macaco subia na escada, os outros já o impediam até mesmo de subir as escadas para pegar as bananas, e batiam nele.

Com o tempo, nenhum macaco subia mais as escadas, então os cientistas começaram a trocar gradativamente os macacos antigos por outros novos, que não sabiam das consequências de subi-las, nem pela água, nem pelas retaliações dos outros macacos.

Da mesma forma que ocorria com os primeiros, acontecia com os mais novos. Quando algum macaco tentava subir as escadas, apanhava. E assim foi até que todos os macacos foram trocados por outros, restando assim, só os que nunca foram molhados, que apenas apanharam dos antigos e agora batiam nos mais novos, repetindo a história. Mesmo sem saber o porquê, todos os macacos repetiam as retaliações dos antigos, só por subirem as escadas.

Neste experimento, comprova-se claramente, a diferença entre o homem e o animal irracional (até então irracional). Este animal, aqui referindo ao “irracional”, não faz as coisas com um pensamento de por que ou porque, o faz por fazer,

quando não param para raciocinar a razão das retaliações e apenas repetem os efeitos de subir a escada e como aceitaram serem retaliados aparentemente sem motivo algum que não fosse subir as escadas.

Não há questionamentos por parte dos macacos do que a escada faz para ser tão perigosa a ponto de não poder subir ou sequer se aproximar dela sem ser espancado. Aí sim, temos uma ação que “não vai além do fato em si, do fenômeno isolado”, como diz Rampazzo. Só aí.

Nós humanos, desde crianças, quando aprendemos a linguagem, já fazemos questionamentos e não aceitamos a realidade nua e crua, imposta. Vamos além do fato, do tato, do visível, porque somos humanos. Não absorvemos o mundo instantaneamente. Não somos macarrão instantâneo.

Os cientistas convencionais não fogem a essa realidade. Nem nós.

Não é cabível dizer que não pensamos, que não refletimos, que só engolimos o mundo, como se não fôssemos diferentes de todos os outros animais e não tivéssemos construído línguas, governos, Estados, política, direitos, formas de subsistência coletiva através de trabalho, imposto.

A razão se encontra na humanidade, desde quando desperta até quando dorme, mas cada qual se utiliza de conhecimentos diferentes para chegar a conclusões diferentes, mas todos se utilizando da sua razão.

(7) **Intencional** – Uma vez que seu objetivo é responder perguntas, para que este seja realizado, é necessário com que o investigador tenha intenção em desvendar as razões de tal e qual fato.

Da mesma forma em que há o interesse e a intenção em se descobrir o mundo e o universo na Ciência Convencional, há na Ciência Sapiencial.

Surgem perguntas da mesma forma e elas têm a necessidade de serem respondidas, mesmo que da forma mais simples, e há intenção em respondê-las. Entretanto, há coisas que tanto a Ciência Sapiencial quanto a Convencional não conseguem explicar e cada uma dá uma resposta diferente à esse fato. Na

Sapiencial, temos o famoso “porque sim”, já na Convencional temos a “Resposta Inconclusiva” ou “Inexplicável”, mas mesmo sem saber ou conseguir explicar o porquê, ambas as Ciências sabem haver uma lógica por detrás do ato. Mas não somos capazes de contemplar toda a realidade.

De qualquer forma, para responder a alguma pergunta é necessário querer respondê-la. Se nos questionamos sobre o universo, se buscamos respostas, então estamos fazendo isso com intencionalidade.

É claro que não controlamos todos os eventos existentes, e como já foi dito aqui, nem tudo cabe ao ser humano e por isso o “acaso” acaba por ser um ator coadjuvante tanto na Ciência Convencional, como na Sapiencial e aparece quando há uma pergunta que lhe caiba, pois o acaso sozinho é informação, quando encontra uma pergunta conhecimento e quando posto em prática sabedoria.

(8) **Sistemática** – “Sistematização é mais do que organização de dados, é um conjunto de práticas e conceitos que propiciam a reflexão e a reelaboração do pensamento, a partir do conhecimento da realidade” (CENTRO OESTE, 2000, p.10 apud CUT, 2000).

Somos humanos e enquanto nos desenvolvemos fisicamente até nossa morte, também nos desenvolvemos psicologicamente e socialmente. Nossos conceitos, formas de agir, pensar, falar. Tudo muda com o tempo. Muda porque vamos analisando os contextos e os integrando à nossa realidade. O que fazemos, falamos, vivenciamos, é refletido, pensado e repensado para ser reelaborado. Nossas condutas se baseiam nisso.

Nosso “criar filhos”, educar crianças, é justamente um entender de que somos moldados pelo tempo e pelo meio, mas também por nós mesmos, e essa mudança só é possível quando refletimos e repensamos nosso próprio eu, porque se assim não o fizéssemos, não precisaríamos mudar, educar, porque da forma que estávamos estaríamos bem, não faria diferença, não seria refletido.

Da mesma forma com que dados, informações e crenças podem ser mudadas na Ciência Convencional, assim também ocorre na Ciência Sapiencial. Não é o nome que damos à Ciência ou ao saber, ou os parâmetros para ter este nome, que vai deixar de ser feito por humanos, deixar de ser refletido e repensado através de práticas e conceitos. Não é a toa que evoluímos e construímos tudo o que temos e somos atualmente. É porque refletimos a informação natural dada, a repensamos e transformamos, a recriamos para nosso uso e prazer.

Por isso, tanto a Ciência Convencional quanto a Sapiencial são sistemáticas. Porque são dadas de ações e teorias que geram pensamentos de reflexão e recriação, remodelação de si próprios e de nós. Cada uma ao seu modo. Seja em laboratórios, seja em casa, seja em uma escola. Se integram e interagem todas no mesmo mundo e através de ações.

Da mesma forma com que não somos macarrão instantâneo para receber as informações prontas sem sequer pensar sobre elas e também não agimos sem usarmos-nos de nossa lógica, também nos utilizamos de nossas ações e conceitos para refletirmos e repensarmos nossos princípios. Aprendemos com a vida, crescemos com as sabedorias alheias e com nossas próprias faltas.

É porque refletimos nossos princípios e agimos para nosso desenvolvimento, também psicológico, que amadurecemos, que mudamos e nos tornamos mais sociáveis e sábios com o passar da vida.

(9) **Imparcial** – Cada um vê o mundo de uma forma. A realidade plena, a qual não temos acesso, está posta e cabe ao ser humano tentar desvendá-la.

O que acontece é o que vimos no tópico Objetividade. A informação é realmente dada ao homem como ela é. Cada um descreve como ela lhe parece.

Os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente,

clandestinamente, nos não-ditos dos nossos trabalhos científicos (SANTOS, 2009, p.85).

Cada um se vê sendo imparcial, ainda que não esteja realmente sendo.

Por exemplo, se peço a alguém que me diga como está o dia, temperatura... A pessoa pode me responder: “Está muito agradável, poucas nuvens no céu, céu azul, tempo fresco...”.

Se pensássemos como estamos acostumados, diríamos que essa resposta é completamente subjetiva, jamais imparcial. Mas não é. Ela é imparcial, porque está apenas descrevendo o que vê, o que o meio lhe propicia, como um cientista convencional faria num experimento biológico ou algo do gênero.

A imparcialidade existe tanto na Ciência Convencional quanto na Sapiencial. Ambos apenas descrevem o que veem. O mundo está posto e nós apenas o descrevemos como nossos sentidos o veem e nossos corpos o sentem.

(10) **Mensurável** – A Ciência Sapiencial também é passível de mensuração. Há entretanto, diferenças no que se refere à aplicação e a forma como se medem os resultados, seja física ou teoricamente.

O resultado, a teoria, colocado em mensuração na Ciência Sapiencial são dados através de ações, mas também de números e respostas.

Vamos voltar ao ferver da água. Sei que se coloco muita água, a água demorará mais a esquentar e ferver, menos, então menos tempo me tomará.

Uma diferença entre as Ciências é que a Convencional busca a mensuração através da quantificação. 100 mL de água, 7 minutos em temperatura ambiente. A visão Sapiencial de mensuração não requer necessariamente tais dados, pois, por exemplo, se ferver um copo d'água, saberei que a água está fervendo quando a fumaça começa a sair da panela, e sei também que ela vai estar perto ferver quando houver bolhas no fundo da panela.

Ambas as respostas estariam certas, seriam verdadeiras e válidas, estariam medindo o ferver da água, mas enquanto uma se utiliza de aparelhos, outra se

utiliza das condições que são postas pelo próprio experimento. Não é porque se utilizam de meios diferentes que o objetivo a ser alcançado não seja o mesmo e que a resposta não possa ser válida, pois ambas as partes possuem bases para afirmar o que dizem e experimentam.

Há também a utilização quantificada para a mensuração pelo âmbito Sapiencial. Em receitas de cozinha, um bolo por exemplo, que leva 3 ovos, 2 xícaras de farinha de trigo peneirada, 200 mL de leite, 50g de margarina, 100g de cacau em pó, 5g de fermento em pó... Há uma teoria que diz que unindo estes ingredientes, criando uma massa homogênea ao mexer e os aquecendo, a por exemplo, 200° Celsius por 30 minutos, formar-se-á uma massa comestível e de sabor aprazível, macia, seca, que sacia algumas das necessidades corpóreas humanas.

Numa receita, a Ciência Sapiencial e a Convencional se unem, porque é através da Convencional, que estipula os números, peso, temperatura, que a Ciência Sapiencial intervém com sua receita de bolo de chocolate e ambas produzem algo delicioso.

Apesar da mensuração ser dada de ambas as formas na Ciência Sapiencial, variando pelo contexto, “muitas vezes não existem instrumentos ou escalas que possam ser aplicados ao que intentamos medir” (SOUZA (Org.), 2005, p.1), o que ocorre tanto na Ciência Sapiencial quanto na Convencional, assim, há muitas coisas que não podem ser medidas, nem pela própria experiência nem pela quantificação dos resultados, como é o caso de medir o caráter de uma pessoa e o tamanho de um Átomo – neste caso, fazemos aproximações através de cálculos, mas não temos como medir seu tamanho real e absoluto, porque nossos sentidos não nos permitem.

(11) **Causal** (Causa/efeito) – Há uma relação de causa e efeito nos acontecimentos, descobertas, teorias, hipóteses e ações. Isso não se altera na Ciência Sapiencial porque se aplica a tudo.

*III - Actioni contrariam semper et aequalam esse reactionem:
sive corporum duorum actiones in se mutuo semper esse
aequales et in partes contrarias dirigi*

III- A toda a acção sempre se opõe uma reacção igual; ou, as acções mútuas de dois corpos são sempre iguais e dirigidas às partes contrárias” (SILVA, 1937 apud FITAS, 1996, p.5-6).

Quando agimos provocamos reações, desde microrreações a suprarreações. Usando Descartes, “[...] eu penso, logo existo” (DESCARTES, 1999, p.62). A reação da ação pensar é a existência.

O Big Bang pode ter ocorrido e levado à toda existência que nós conhecemos hoje. De reação em reação surgiu a vida e como reação à própria vida, a morte.

Assim ocorre conosco. Nossos dizeres têm consequências. Nossos atos têm consequência. Nossa existência têm consequências. Este também não é um critério exclusivo da Ciência, apesar de ser um dos critérios para se ser uma Ciência Convencional, estabelecida por ela própria.

No pensamento do “Senso Comum” as coisas também ocorrem como uma reação de causa/efeito. É claro que há coisas que nem a Ciência Convencional, nem a Sapiencial sabem a causa, mas tentam descobrir e descobrem pela sua lógica a razão desses acontecimentos, colocando-a desde o acaso, o universo conspirando, à histórias de que alguém ou algo, há muito tempo atrás ou num tempo recente, desencadeou uma série de ações e reações que teve como efeito aquela.

Há outro aspecto que deve ser mencionado quanto à Causalidade dos acontecimentos. Na Ciência convencional faz-se necessária a compreensão e postulação das causas, tornando-se esta indispensável ao trabalho científico para estabelecimento de verdades. Na Sabedoria também.

Quando estabelecemos nossas verdades buscamos as causas do que as fazem verdadeiras, sem o entendimento do que, como, porque ou da razão de algo ser verdade, este conhecimento se torna incompleto e no geral não é aceito, porque há falhas que não são cabíveis a quem a ouve.

(12) **Precisa** – Tudo o que pensamos e fazemos tem como fim a estabilidade, o prazer e o desenvolvimento, seja individual ou social.

A precisão existe para cada um que crê em seus aspectos e esta precisão é dada pelo encontro da verdade individual ou cultural de cada sociedade que nela acreditar.

Para se tornar uma verdade é necessário que ela seja precisa. Só se acredita no que se é claro, tanto que um dos passos que damos é o quarto passo de Descartes, que diz que devemos “efetuar em toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir” (DESCARTES, 1999, p.50), ao qual já discutimos e vimos que é uma realidade Sapiencial.

Nós analisamos o que vemos, o que percebemos e só aceitamos o que passa por nosso crivo de razão e quando tomamos por verdade o que enxergamos na realidade.

Quando tomamos por verdade uma hipótese, o fazemos porque acreditamos na veracidade de tal informação, até que a entendamos como parte da nossa realidade. Mas só assim o fazemos quando acreditamos que as informações que temos são precisas, porque não absorvermos informações instantaneamente, como já disse não somos macarrão instantâneo.

A precisão se dá de modo diferenciado do que na Ciência Convencional, até pela influência do que seria Universal, Reprodutível e Verdadeiro em ambas Ciências.

Na Ciência Convencional para algo ser precisamente correto é necessária sua reprodutibilidade, que seja verdadeiro e até universal. Na Sapiencial isso não se altera, mas a forma da aplicação destes quesitos é diferenciada.

A precisão Sapiencial é dada pela experimentação, pela reprodução, uma vez que toda crença já é verdadeira e universal, como já explicado. Se acreditamos no ferver da água pelo seu superaquecimento, além deste fato ser verdadeiro, também é certo, porque quando aquecida, a água ferve. Caso não, novas hipóteses surgirão.

Assim, depois de ter passado pelas qualidades necessárias para ser verdadeira, uma afirmação toma a qualidade de precisa, pois já foram excluídas de si todas

as imprecisões visíveis a cada qual que acredita nela para lhe tornar verdadeira e conseqüentemente, certa e precisa.

(13) **Rigorosa** – Treze características. Quatro etapas metodológicas de Descartes (1999). Oito etapas metodológicas segundo Rampazzo (2002). Todos estes processos fazem com que haja uma rigorosidade imensa para que se acredite em algo, para que se acredite que algo é verdadeiro e que seja de mérito suficiente para que possa ser colocado como sendo uma realidade subjetiva.

São ao todo **25 passos** que passamos todas as vezes em que tomamos algo como verdade.

Mas se ambas as Sabedorias possuem as mesmas características e a mesma metodologia, são iguais? Não há diferença? Isso não as desqualificaria?

Não é porque possuem as mesmas qualidades que são a mesma coisa. Há diferenças.

Em todos os aspectos acima mencionados, foram colocadas as diferenciações práticas e teóricas entre ambas, mas há também a obrigatoriedade de certas características e a formalização do conhecimento, por parte da Ciência Convencional, o que não a desqualifica nem a superqualifica.

A obrigatoriedade de aspectos como a Causa do efeito, de responder a todos os questionamentos cabíveis, não é algo que a Sabedoria faça consigo, não em parte.

Na Sabedoria ninguém é obrigado a formar conhecimento, mas quando o conhecimento está incompleto, ele não é dado como completo e sua credulidade é logo dada como instável, ou seja, acaba por não se tornar uma verdade e não ser aceito.

Um exemplo. Se alguém vê a chuva, não necessita ter a obrigação de saber porque a cor do céu fica cinza para ter uma verdade científica, mas na Ciência Convencional, tal fato já é obrigatório para completar o evento da chuva.

Mas apesar do cientista sapiencial não ter tal obrigação, se não puder complementar seus conhecimentos sobre a chuva, se não o vir completo, então logo cairá na descrença de suas verdades, pois, se acredita que a chuva é um presente pelo esforço na lavoura, mas crê que cinza é uma cor triste, deve se organizar mentalmente para entender o que tudo isto significa, o porquê da cor cinza dos céus, para que não haja conflitos entre seus pensamentos e possa crer em suas verdades por completo, caso não consiga, repensará seus princípios a cerca da própria chuva.

Outra característica, dentre inúmeras, que diferenciaria a Ciência Sapiencial da Convencional é a **formalização do conhecimento**.

Dentro do meio científico-convencional exige-se a formalização de todos os dados e relatos, o que não é obrigatório no meio Sapiencial.

Para atestar que um aluno de graduação, mestrado ou doutorado aprendeu o que deveria, exige-se um texto como este, um trabalho de final de curso. Ou seja, a transcrição e formalização da aprendizagem, das verdades, e assim, só assim, depois de apresentado publicamente seu texto, poderá receber um aval, um certificado, dizendo-se apto ao mercado de trabalho ou a estudos.

Na Ciência Sapiencial isso não é necessário. A aptidão não advém de textos ou de certificados. Advém da fazer e fazer bem do estudante. Sua aprendizagem é testada no dia-a-dia, nas exigências feitas no trabalho.

Muitas histórias, vidas, sociedades, se perderam no tempo, pois não tinham tanta pragmatização quanto a Ciência Convencional e não exigiam de si que todo seu conhecimento fosse oficializado e escrito, mas que fosse dito a todos, espalhada a cultura e valorizada.

Todas essas características que nos diferem, não nos tornam melhores ou piores, nos tornam o que sempre fomos e seremos, apenas diferentes.

Mas aonde vamos com tantas informações? Vamos à luta pela igualdade.

O objetivo de dialogar tantas características e princípios da Ciência Convencional e do “Senso Comum” é o de dizer que somos iguais, ainda que

diferentes, que temos nossas semelhanças, pois estes saberes são consequências da humanidade, e que somos humanos, e que ainda sendo iguais, em importância, direitos e deveres para cada qual, som os diferentes, pois somos em essência diferentes uns dos outros, pela genética ou pelo pensamento, e que devemos valorizar o que temos de igual da mesma forma com que fazemos com nossas diferenças, trabalhar em conjunto para desvelar o Universo e desvelar o Universo para melhorar o mundo, nossa vivência e convivência com a natureza e a vida que nos cercam e aos quais fazemos parte e somos.

2.2 – DAS CARACTERÍSTICAS DA CIÊNCIA SAPIENCIAL

Nos princípios da Ciência Sapiencial todo pensamento, enquanto crença, é científico. Mas como assim enquanto crença?

Toda afirmação ou negação que é dada e que o indivíduo ou grupo que a fez acredite efetivamente nela, é uma afirmação/negação científica, porque se constitui de um saber. Toda forma de conhecer, decifrar e dizer o universo é científica, pois tem as características e metodologias necessárias para tal.

A Ciência se propõe, através de métodos e pensamentos, a explicar o mundo. A questão é: Nem todas as Ciências são iguais. Acredita-se que a Ciência convencional seja única, portanto, só há um modo de fazer a única Ciência existente. Mas não é isso que ocorre.

Ciências exatas são diferenciadas de Sociais, Humanas e da Saúde, assim como são entre si. Porém, são todas formas de se fazer Ciência. Assim também é com o “Senso Comum”. Ele é uma Ciência como as Exatas, Sociais, Humanas e da Saúde são, mas engloba todas estas, pois é da Sabedoria que todas as outras formas de Ciência surgem.

Vamos conversar. Matemática é a mesma coisa que Ciência Política? Possui o mesmo objetivo final e os mesmos objetivos secundários – objetos de estudo? Seguem a mesma metodologia, da mesma forma? Têm as mesmas características?

Só pelo fato de ambas serem Ciências, deveriam ser. Mas em fato não são. Elas são Ciências porque buscam o mesmo objetivo final, mesmo não tendo os mesmos objetos de estudo, e o “Conhecimento” – Ciência - resultante, as razões e os porquês.

Seguem a mesma metodologia – apontada por Rampazzo (2002) de Observação, Hipótese, Experimentação, Indução, Dedução, Análise e Síntese, Teoria. Têm as mesmas características, Verdade, Objetividade, Verificabilidade, Reprodutibilidade, Metodificação, Racionalidade, Intencionalidade, Sistematização, Imparcialidade, Mensurabilidade, Causalidade, Precisão e Rigoriedade, fora as características de Descartes. Mas o processo como fazem cada uma dessas etapas é diferenciado, por isso, na prática, não são iguais.

Vejamos isso no “cotidiano”. Para formular uma teoria de cálculo matemático, como Bhaskara ou a fórmula para cálculo da área de um círculo, $\pi \times r^2$, “basta” analisar as proporções do que se está sendo estudando, reanalisar e tirar suas conclusões, passando pelo processo científico.

Na Ciência Política, os passos começam olhando o passado, analisando-o, para então chegar ao presente e ter perspectivas do futuro. Não é como perceber um círculo, que foi o mesmo ontem, hoje e amanhã, e tentar aplicar isso a seres humanos que não são os de ontem e os de hoje já estão mudando para o amanhã.

A Ciência Sapiencial é uma mescla das duas unidades de entendimento. Tal qual a Matemática e a Ciência Política, também analisa, estuda e tira suas conclusões do meio, também analisa as subjetividades do estudado, entende a informação por detrás da visão objetiva, seus conflitos, progressões e repercussões.

A Ciência de Sabedoria consiste no conjunto de verdades individuais que respondem questões universais e auxiliam na sobrevivência e existência humana, dividida em escalas e subescalas para suprir a subjetividade de cada cultura.

Uma ação, descoberta, teoria, para ser considerada científica, ao ver Sapiencial, só precisa existir e ser verdadeira para quem o crê. Todos os objetos,

metodologias, características, são reflexo da Sabedoria, de ações e entendimentos humanos. Isso é inegável. O que torna cada um, e todos os conhecimentos, científicos, é terem a mesma base e objetivo final: A Sabedoria. Ainda que para alcançar este, os mais diversos formatos e subobjetivos sejam dados.

O meio para a produção final de uma Ciência e outra é diferente, os subobjetivos são diferentes, mas o objetivo final nos une, tal qual o início de todas as nossas produções, que é nosso questionamento perante a vida e a utilização de suas respostas para nos suprimos.

Possuímos características em comum, as treze elencadas neste texto, e todas as etapas de sua metodologia, ainda que não nos reduzamos a elas e possuamos muitas outras características e métodos de transformar informações em conhecimentos e conhecimentos em sabedoria.

Cada indivíduo é diferente um do outro, mas ainda assim, somos todos iguais, porque somos humanos. Nossas diferenças não nos desumanizam, mas ao contrário, nos unem e nos tornam ainda mais humanos, porque a humanidade não se encontra apenas na genética, ela se dá pela subjetividade, pela consciência.

2.3 - DA ESCALARIDADE DA SAPIENCIALIDADE

Segundo um dos princípios de Lavoisier “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

É com este princípio que embasamos o que é a Escalaridade da Ciência Sapiencial.

A Ciência Sapiencial é uma Ciência em escala, portanto, uma Ciência Escalar. Escalar tem como definição: “Que contém escala ou uma série de diferentes níveis, graus”. (ESCALA, [2008-2013], p.1).

Mas o que tem de relação uma Ciência dada de Sabedoria, com degraus, níveis?

A sabedoria é a Ciência Universal. Dela surge a Ciência Convencional e todas as outras. A Sabedoria é dada nos entendimentos que temos, nossas verdades, que são dadas em escala pela maior ou menor aproximação da realidade.

Eu sei que parece aparentemente confuso. E realmente é um pouco, mas é mais simples quando dividirmos passo a passo. Ficará melhor.

A Sabedoria é a primeira forma de se utilizar o conhecimento e as informações que temos. A única para falar a verdade, pois o conhecimento em uso é a própria sabedoria.

O conhecimento pelo conhecimento é só informação e por si só não tem utilidade. Até para comer precisamos, desde o começo de nossa existência enquanto seres humanos na Terra, de Sabedoria, porque se caçássemos um tigre sós, morreríamos, se não procurássemos comida, morreríamos, se não nos abrigássemos do frio, morreríamos.

Captávamos informações de nossos corpos e deles buscávamos nos proteger, utilizávamos os conhecimentos que tínhamos para nossa evolução e preservação, muito além do que instintivamente. Construimos objetos que nos facilitassem o cotidiano, lanças para matar presas, agricultura para não precisarmos mais ser nômades.

Dos conhecimentos que adquirimos ao delongar de milhares de anos e da utilização deles, surgiram nossas verdades, que se espalharam pelo mundo inteiro de diversas maneiras e com diversos pontos de vista, criando uma diversidade imensa de verdades e uma gama de Ciências.

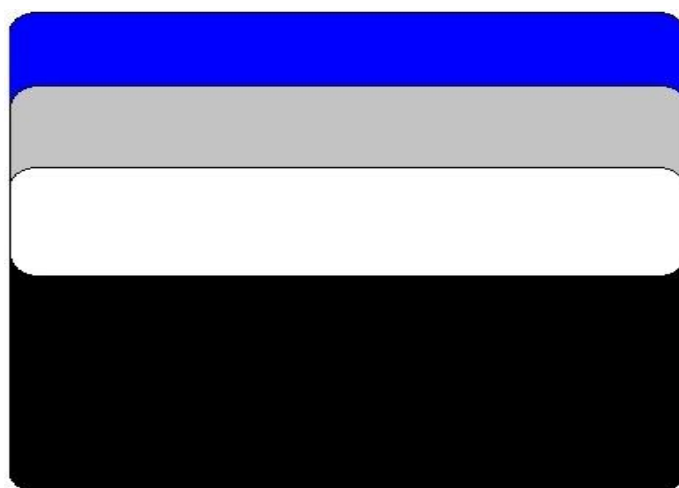
Temos por exemplo a Ciência Convencional, que engloba outras, como a física, química, biologia. Temos a Ciência Hindu-yogue da respiração, a Ciência Oriental, a Ciência Hindu antiga, a Ciência Ocidental, a Ciência Grega, a Ciência Romana, a Ciência Espartana, a Ciência Espiritual, a Ciência Oculta, a Ciência Ocupacional... E assim até a infinidade de exemplos que existem de tipos de Ciências.

Todas essas Ciências foram advindas da Sabedoria. A Sabedoria humana tem um potencial maior do que o que nós já descobrimos dela. Quanto mais temos conhecimento do Universo e do Mundo maior esse potencial fica, porque quanto mais aprendemos, mais possibilidades há de se usar essas informações.

Cada uma dessas Ciências ocupa um lugar na realidade, inclusive a própria Sabedoria, que engloba todas as outras, e quanto mais próxima à realidade, maior o espaço que ocupa nesta Sabedoria humana, assim, as representações destas Ciências podem ser dadas em uma graduação de “tamanhos”, ocupando menos ou mais espaço na realidade.

Vou tentar fazer um desenho para explicar. Ou como eu desenho bem, te confundir mais ainda (ao menos vai ser no Paint). Vamos torcer pelo primeiro.

Imagem 1 – A Ciência Sapiencial aos olhos



Jordana Barros, 2014.

Este retângulo arredondado preto, maior, seria a realidade, ao qual não teríamos acesso pleno, pelas nossas limitações. A parte branca seria a parte da realidade que nós poderíamos humanamente alcançar e que ainda não descobrimos, ou seja, a realidade em potencial a ser descoberta. A parte cinza seria o que nós já descobrimos da realidade, é a junção da realidade (preta) com o quanto nós podemos alcançá-la (branca). A parte azul é a parte de nossos conhecimentos que não fariam parte da realidade.

É claro que eu também sou humana e que essa proporção é apenas ilustrativa, podemos saber bem mais da realidade ou muito menos, tal qual as Sabedorias que não teriam relação direta com a realidade também poderiam ser muito menos ou muito mais, e o espaço que teríamos a desvendar muito menor ou maior. E vale ressaltar que haveria uma interação direta entre as partes e que seriam mutáveis de acordo com o quanto uma tivesse acesso a outra.

Vamos esclarecer ainda mais, exemplificando. Imagine que temos 5 grupos diversos. Cada grupo é de um lugar do mundo, fica à seu critério escolher quais. Cada grupo acredita numa coisa diferente.

O grupo 1 acredita que chove quando se completa um ciclo no Universo. O grupo 2 acredita que chove quando os Deuses estão felizes com o seu comportamento. O grupo 3 acredita que chove porque a água evapora, condensa nas nuvens e cai. O grupo 4 acredita que chove porque os mortos se sentem esquecidos e se entristecem. O grupo 5 acredita que chove porque algo muito ruim ou muito bom irá acontecer.

São cinco verdades. Digamos que a realidade seja que os Deuses ficam felizes, evaporam a água e as fazem ser condensadas pelas nuvens e caírem, para avisar a humanidade que será recompensada com algo muito bom ou com o aviso de algo muito ruim para que possam se proteger.

Essa realidade, total, nós, humanos, não teríamos acesso por completa, porque nossos sentidos assim não permitem. Ela existe em si. Se analisarmos, parte das teorias de 3 grupos fazem parte da realidade, algumas se aproximando mais ou menos, enquanto 2 não fazem parte.

Cada uma das três verdades que fazem parte da realidade estão inseridas na parte cinza, o que falta complementar dessas verdades na realidade, na parte branca, e as duas outras, na parte azul.

Dentro desta escala, das verdades e realidades, há inúmeras outras. Cada parte, azul, cinza ou branca, possui diversas verdades, como as destes cinco grupos. Só que não há apenas cinco grupos. Cada verdade é como se fosse um grupo, ocupando mais ou menos espaço na realidade. Assim, praticamente todo

conhecimento humano é dado em outras escalas, dentro da escala azul, cinza e branca.

Imagine que dentro desses níveis colocados na imagem, há diversos círculos, alguns dentro do outro, como se fossem um cone, outros entrelaçados, como mágica... Cada círculo é uma verdade. Os de maior tamanho seriam verdades que se aproximam mais da realidade, os de menor, que se aproximam menos. Na parte azul não há círculos, pois há diversas verdades ali, o que a faz ter um campo e ser “azul”, mas que por não condizerem com a realidade, não possuem escala de mais ou menos próximo ao real.

Os círculos estariam entrelaçados, um dentro do outro, por essas verdades estarem sempre em contato com outras. Estes círculos poderiam se alterar e transformar, aumentar ou diminuir, ao entrar em choque com outras verdades.

É como se fosse uma troca de elementos químicos, onde prótons e elétrons interagem e formam outros compostos, mais ou menos frágeis, buscando sempre sua estabilidade, na camada de Valência, que seria a realidade.

3 - DA EDUCAÇÃO E AS DUAS CIÊNCIAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES

Não adianta dizer que “Senso Comum” é também Ciência se nada se altera na prática. O que é necessário é fazer uma integração entre essas Ciências sem que uma interfira na outra a ponto de alterar sua essência ou existência. Faz-se necessário encontrar pontos de comunicação entre elas para que interajam e não levem uma a servir apenas de base a outra, ou até ser negada por ela.

Dito isto, podemos então refletir sobre algumas consequências e perspectivas da interação entre ambas, que obtive ao analisar as ideologias aqui propostas e idealismos aos quais trago comigo, influenciada por Rubem Alves.

3.1 – PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Se todos somos cientistas, vamos acabar com a profissão professor e deixar todos darem aulas?

Podem lecionar nos Ensino Fundamental e Médio das Escolas de Educação Básica, os graduados em licenciaturas e Pedagogia. Na Educação Infantil (creches e pré-escolas) e nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, admite-se professores com formação mínima de nível médio, na modalidade normal.

Para ingressar como professor de qualquer instituto federal, basta apenas a graduação (BRASIL, [S.D], p.1)

A Ciência Convencional é uma forma diferente de Sapiência. As escolas convencionais não podem ser substituídas pelo método Sapiencial. Elas devem se integrar.

A escola formal tem seu papel econômico e social e não deve nem pode ser substituída. Mas o papel da sabedoria também é importante e deve ser utilizado com maior ênfase nas escolas.

Os requisitos colocados acima e dados pelo Ministério da Educação continuariam a ser o que são e validados da mesma forma, mas os professores poderiam trazer pais, funcionários da escola ou não, para conversar sobre assuntos cotidianos e relacioná-los a disciplina. Os convidados não precisariam ser especialistas, ainda que estes também pudessem fazer parte da conversa e das dinâmicas.

Ainda que sejamos todos cientistas, somos cientistas diferentes e os processos de uma escola convencional são diferentes de uma escola sapiencial – entende-se como escola sapiencial qualquer meio ou lugar de divulgação de ideologias, ideias, princípios.

Livros seriam considerados científicos

"- Rubão, estou escrevendo um livro em que conto o que aprendi através da minha vida. Mas eles dizem que o que escrevo não serve. Não é científico [...] Uma sabedoria de vida tinha de ser calada: não era científica" (ALVES, 1999, p. 81).

Se todo conhecimento é Ciência, então não há razões para desmerecer livros, sejam eles quais forem. Livros são trabalhos difíceis de serem feitos e caros de serem publicados. São repletos de sabedorias e de entendimentos únicos e que devem ser valorados tais quais as teses dadas atualmente como científicas.

A Cultura é Ciência e Ciência é Cultura. Sabedoria é Ciência e Ciência é Sabedoria. Se aceito esse princípio, pessoas como o amigo do Rubão – Rubem Alves – não teriam de passar pela primazia de ouvir um “Não é científico”, “Não é conhecimento”.

Toda forma de conhecimento é válida e não é porque difere de outras ou da mais aceita que deixa de ser. O professor que estava a tentar escrever sua vida num livro e que não pôde porque sua falar sobre sua vida não é ciência, tem tanto direito de ter seu livro publicado quanto Descartes.

Descartes publica o “Discurso do Método” (1999) em 1637. A leitura é toda baseada em sua vida, é uma autobiografia que vai relatando o que aprendera com sua vida. E o que ele aprendeu fez surgir a Ciência Moderna. Por que então não poderia este amigo do amigo do Rubão publicar seu livro e a partir dele surgir uma nova teoria? Por que qualquer pessoa não poderia também ter seus textos publicados como científicos e dali desvendar um novo mundo?

Milhares de livros foram e são escritos e cada um revela inúmeras verdades, que retratam mazelas sociais, morais, preocupações, soluções, vida, morte. Cada um possui anos de experiência de quem o escreveu, possui partes da realidade e descreve o mundo como o vê.

Fernando Pessoa dizia que cada pessoa era várias, porque a cada nova situação agíamos de formas diferenciadas. Se estivéssemos em uma situação formal, existiria um Fernando Pessoa formal. Se estivéssemos em uma situação romântica, haveria um Fernando Pessoa apaixonado. E assim por diante. Nos adequamos aos ambientes. E seus pseudônimos revelavam essa crença dele.

As suas poesias e histórias ou estórias relatavam críticas, idealismos, surrealismos. Anseios humanos. Felicidades humanas. Em seus dizeres há tanta Ciência quanto em outras. Porque há tanta sabedoria quanto em outras e pode haver também realidade, tanto quanto em outras.

Se todas essas sabedorias pudessem ser consideradas Ciências, então também poderiam ser passíveis de consagração em concursos de mestrado, doutorado e até discutidas em simpósios, teses e dissertações. É dessa aceitação que surgiria a aproximação das Ciências e sua interação.

Poderia haver disciplinas dentro do currículo básico escolar que fomentassem e divulgassem a Ciência Sapiencial

Parece absurdo, estranho, ter uma disciplina que divulgue o que não é da Ciência Convencional, dentro de um ambiente que se foi feito justamente para se opor ao que não a fosse, com o discurso de “que se fosse para estudar o que

o “Senso Comum” diz, não precisaríamos da escola”. Mas precisaríamos e precisamos.

Colocar uma disciplina que discuta o que se realmente é pensado fora das Academias, o outro lado da moeda, refletir sobre as duas Ciências, seus contrastes, uniões, sobre qual é efetivamente a realidade pensada e feita, é dar um passo à humanização e à reflexão pensada a partir de uma prática, de uma existência, e não de teoria pela teoria e para a teoria.

É a partir de construções dos próprios alunos com o que sabem, que surgiriam novas formas de se pensar o mundo, de se entender e criticar o que é imposto, ou de aceitá-lo, é dar uma chance ao estudante para a possibilidade de “ampliar seu universo, por meio do resgate de tradições culturais que eles ouviram em suas casas ou que eles próprios vivenciaram, nos campos das artes plásticas, literatura, comunicação, teatro e música” (SETUBAL, 2014, p.1).

Tal disciplina, para integrar a Ciência Convencional, poderia ser dada por professores de Direito, Sociologia, Antropologia, Filosofia, enfim, áreas que estudassem a relação do homem consigo e com o meio, para confrontar as ideias impostas em livros “didáticos” e também entendê-las ou aceitá-las. Uma disciplina de debate do mundo, sem ementa fixa, mas com objetivos focalizados e objetos de estudo.

A abertura da escola à cultura de seu território, a escolha de uma grade curricular que valorize a pluralidade e a diversidade cultural local e o intercâmbio da escola com produções e produtores de cultura na sociedade são alguns caminhos para unir educação e cultura (id., 2014, p.1).

Uma Ciência não necessariamente nega a outra, mas podem se complementar. Nesta disciplina, poderia se ter palestras com indígenas, ribeirinhos, cariocas, gaúchos, brasilienses, pessoas de todo o Brasil e até estrangeiros para refletirem sobre determinado tema e discutirem até que se chegue num consenso ou num entendimento que integre as Ciências, assim como palestras sobre diversidade humana. Outras disciplinas também poderiam ser abordadas, como matemática, física, química.

Refutar princípios, testá-los, tentar descobrir por si só como seus idealizadores chegaram a eles. Poderia ser uma disciplina integrada às outras, com foco nas maiores dificuldades dos estudantes nestas, mas não como uma aula de reforço, mas como uma aula de análise destas e até de si.

Valorização do aluno e autoentendimento de que ele é um cientista e faz Ciência

Para garantir uma educação de qualidade e estabelecer um ambiente de altas expectativa para os alunos é preciso valorizar cada conquista dos estudantes e apoiá-los garantindo que eles aprendam. Acreditar que todo aluno pode aprender é fundamental para alcançar essa meta (MIZNE, 2013, p.1).

Tal qual todo aluno é capaz de aprender, também é capaz de ensinar e tal qual todo aluno é capaz de ensinar, também é o professor de aprender. Valorizar-nos e a nossos estudantes é uma forma de dizer o quanto eles são importantes e fazem parte da ideologia de um mundo melhor e que interferem na história, economia, educação e em toda e qualquer área, que produzem Ciência desde quando exigem um ensino dinâmico só por quando, por exemplo, demonstram falhas práticas do nosso sistema educacional dizendo que “não gostam dele”, reprovando, evadindo, à quando na matemática vê novas perspectivas de se resolver contas ou quando pergunta “por que”?

É importante que nossos meninos e meninas possam se enxergar com a importância que os damos, e que a importância que os damos seja a real importância deles, afinal, são o nosso futuro, presente e logo serão nosso passado, para que então possam acreditar em si e nos super-heróis que são e salvar o mundo, e nos fazer acreditar que nós também podemos.

Estudantes poderiam construir seus conhecimentos concomitantemente com a absorção de conhecimentos globais

Parece que isso já acontece, mas dentro de salas de aulas não é bem assim. O conteúdo, na maioria das vezes, é jogado nos alunos com aulas expositivas,

cobrado com provas, vestibulares, testes. Se ele sabe o que significa o que decorou ou não, não interessa. A aprendizagem é dada como decoração. Se ele sabe responder que $1+1=2$ então ele sabe o sentido e o que representa $1 + 1$ como equivalente a 2.

Isso não é aprender. Isso é decodificar, memorizar.

Ao invés de obrigar nossos meninos e meninas a ficarem loucos tentando decorar livros e livros para poderem concorrer futuramente em concursos públicos, vestibulares e no mercado, pudéssemos fazer com que eles entendessem o que significa $1 + 1$ ser equivalente a 2, o ensino médio não seria apenas a porta de entrada para o vestibular que é, mas sim uma época fundamental de estudos e de maturação pessoal, coletiva, de conhecimentos e pontos de vista.

Se o professor já se vê como estudante e o estudante como professor, então ambos estarão interessados nos porquês e em sua real significância, assim, conteúdos não seriam apenas passados e decorados, mas aprendidos, entendidos, criticados, colocados em prática, validados, moldados e até modificados pelo próprio aluno e também pelo professor.

Não seria mais necessário usar frases como “Vocês aprendendo ou não eu recebo meu salário no final do mês. Quem tem que aprender aqui são vocês, não eu. Eu não estou nem aí”, porque todos estariam interessados no processo e não somente no que ele propicia, como dinheiro ou diploma.

Feiras de Ciência poderiam conter mostras culturais

[...] cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente (SILVA e SILVA, 2006, p.1).

Cultura não é algo que seja restrito ao “Senso Comum” ou à “Ciência”. É algo humano. E por que então, não evidenciar isso, evidenciar a diversidade cultural que temos? Na Ciência Convencional, na Sapiencial?

Todos os estudantes poderiam levar seus projetos de Ciência Sapiencial e Convencional à Feiras de Ciência da escola. Poderiam apresentar trabalhos culturais como científicos. Música, trabalhos populares, projetos sociais, também poderiam estar envolvidos nesses eventos.

No mundo científico convencional que é uma feira de ciências, os alunos poderiam desenvolver experiências práticas para mostrar seus lados científicos convencionais, suas desenvolvimentos na vida prática e real cotidiana, entre tantas outros aspectos, dentro das modalidades escolhidas por eles.

O mesmo poderia ser feito com projetos da Ciência Convencional, que teriam à mostra seus lados Sapienciais.

Deste modo, ambas culturas poderiam interagir de uma forma dinâmica no ambiente escolar e de modo que trouxesse pontos até desconhecidos do Saber e da Ciência Convencional de cada parte.

Conteúdos escolares de Ciência poderiam conter – oficialmente – várias perspectivas de um mesmo assunto, não sendo apenas o científico convencional

Em um livro didático, onde há os conteúdos científico-convencionais, poderiam haver outra ou outras formas de se pensar aquilo a ser estudado.

Toda tese é falível, e essas falhas são logo encontradas por seus leitores, que fazem críticas. Ainda que por demasia aceitas, sempre há outras teses do mesmo assunto, que não são abordadas, ou quando são, muito pouco, e dá-nos a impressão, enquanto alunos, de haver uma história única e um consenso universal sobre todas as teorias, não nos dando liberdade de pensar ou aceitar outros meios que não o já imposto pela maioria e aceito nos livros.

Esses dizeres não se remetem somente a novas perspectivas científicas, mas também sapienciais. Quando explicado o porquê de haver gravidade ou o que é a gravidade, dá-se a conceituação científico-convencional e logo abaixo exemplos de como essa questão é respondida por pessoas que não têm esse

contato estreito com a Ciência Convencional, para que sejam feitas comparações, estudos e desmistificações, tanto de uma Ciência, quanto de outra.

Veja bem, não é passar da Ciência Sapiencial à Convencional, do “senso comum” à Ciência. É discutir ambas, ver suas falhas, acertos e assim tirar suas próprias conclusões. É um dos princípios básicos de Hegel: Tese, Antítese e síntese.

O que é colocado nesse aspecto, nessa perspectiva, é o que Chimamanda Ngozi Adichie (2009) propõe sobre o que chama de “História única”.

Estamos habituados a contar as histórias da humanidade como se fossem apenas uma, como se as descobertas científicas fossem aceitas globalmente, como se uma teoria representasse tudo e só houvesse uma forma de se somar 1+1 e seu resultado só pudesse dar 2.

Mas em programação pode ser 3, sistema binário 10. A história tem várias vertentes e nossos alunos, e nós mesmos como professores, deveríamos aprender que existem diversas formas de se pensar, que são igualmente possíveis e cabíveis e igualmente podem possuir erros e críticas.

“Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso” (ADICHIE, 2009, TED traduzido por BARBOSA (Org., 2009, p.5)).

Livros de Ciências poderiam ter desafios de construção de fórmulas, antes de dar o conteúdo já “mastigado”

Todos nós passamos pela fase de decorar $F=MA$, $E=MC^2$. As vimos em livros que nos davam exercícios de apenas substituir os números pelas respectivas letras. Somar, subtrair, multiplicar, dividir, e pronto!

O pensamento, que induz tal comando, de um conhecimento ensinado apenas pelo conhecer, ou com objetivação à vestibulares e concursos, condiz com o que Luckesi (2010) quando afirma: “a escola opera com Verificação e não com

Avaliação da Aprendizagem” (LUCKESI, [2010], p.75). E a escola assim o faz, porque a sociedade e o sistema financeiro assim o cobram que seja.

[...] o conceito verificação emerge das determinações da conduta de, intencionalmente, buscar "ver se algo é isso mesmo..:", "investigar a verdade de alguma coisa"...

[...] o conceito "avaliação" é formulado a partir das determinações da conduta de "atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...", que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. (LUCKESI, [2010], p.75-76).

O conhecimento para ser saber precisa ser avaliado, desde seu uso até suas repercussões. O saber individual seria mais valorizado se através dos meios que o aluno têm de galgar o conhecimento científico convencional, também houvesse a reflexão deste.

Os livros poderiam trazer algo a mais do que comandos de “substitua” ou “interprete o que cada número é para trocar letras por números”. Não que isso não seja essencial, é, mas só isso não basta.

Faz-se necessário nos tempos atuais, na demanda por um mundo melhor e mais significativo, instigar o aluno a entender mais do que decifrar onde colocar o quê.

Ele precisa de um entendimento do porquê aquele número ser colocado ali, de que efeitos isso traz, e se alterados o que isso causaria. Fazendo-os então trazer vida ao conhecimento escrito, colocando, por exemplo, atividades em que os alunos tivessem de por intuição, sabedoria e conteúdos vistos previamente, formular a fórmula dada – sim, desse jeitinho mesmo – e ter consciência do porquê dela ser assim, contestar ou ver outras possibilidades de alcançá-la.

É claro que não estamos aqui falando de meninos de ensino médio fazendo cálculos de pós-graduação, usando-se de noções que nunca nem imaginaram ser possíveis, mas sim, utilizando-se de sua lógica e da lógica sequencial da natureza para poder explicar os fenômenos.

Se realmente os meios, não só livros, mas também os próprios professores, estimulassem seus alunos a entender o “valor ou qualidade a alguma coisa”, os alunos talvez não chorassem tanto para ir à escola, ou inventassem doenças,

vômitos e mil desculpas para não ir à escola, porque veriam sentido no que estariam fazendo.

Laboratórios Científicos Convencionais financiariam criação de laboratórios experimentais em escolas públicas, que poderiam ser abertos ao público em eventos escolares

Para fomentar descobertas, mudanças, criações, os laboratórios científicos convencionais promoveriam a descoberta e redescoberta de parâmetros que já se têm, disponibilizando em escolas públicas – de preferência – laboratórios químicos e físicos, com materiais que pudessem fomentar teorias já aclamadas, como formação de corpos vivos por células, energia, transferência de energias... Poderiam haver equipamentos – ou similares - utilizados pelos próprios cientistas em suas descobertas.

Todo esse aparato poderia ser disponibilizado ao público em eventos, sob a supervisão de um professor, para prevenir acidentes e orientar sobre este, para unir o “Senso Comum” à Ciência.

Os alunos, de dentro e de fora da escola, entenderiam o processo da Ciência. Por vezes a Ciência é vista como seu fim, mas não como seu meio. Se exaltam os resultados como se o processo nem existisse.

Certa vez Thomas Edison inventou a lâmpada elétrica incandescente, rodas de borracha... Mas e o processo que o fez ver todas essas invenções...? Poderia todo ele ser revisto e testado em laboratórios escolares, para então produzir ainda mais inovações com base no que se observava, inclusive utilizando-se de livros originais dos próprios inventores, de suas experiências e expectativas, falhas... Desta forma a Ciência não lhes pareceria tão distante deles quanto veem.

Os estudantes poderiam ser professores e os professores alunos

Há muitos discursos de que professores e alunos são iguais, que não se deve ter hierarquias entre eles porque ambos estão ali para aprender e ensinar. Na vida prática isso quase não existe. Poucos são os iluminados com essas ideias e que dão aos seus alunos espaço para que sejam também professores e se dê espaço para ser também aluno.

Se aceita esta afirmação de que o Senso Comum é Ciência, então os professores veriam que seus diplomas não valem mais do que os anos de vida de seus alunos e suas experiências, nem que os anos de vida e experiências valem mais do que os anos de vida e experiências que aquele diploma e sua própria vida lhe trouxeram.

Assim, o professor que se disponibilize a ver o outro como a si, poderá ser o outro como o é, então o respeitará e admirará como a si e a relação professor-aluno será de paz, de diálogo e de aceitação de críticas e mudanças entre ambas as partes.

Mas o que isso representa?

Em salas de aula os alunos poderiam escolher ao menos 50% de suas avaliações, desde que, por exemplo, tivesse-se estabelecido a regra de que teriam de demonstrar o que aprenderam. Seja com uma, duas, três avaliações. A sós, em grupo. Não uma que o professor diga que ele fará, mas que ele por si só decida.

Além dele escolher suas avaliações, metade delas, poderia ele se autoavaliar ou os outros o avaliarem. O conteúdo que ele aprendeu deveria ser transmitido aos outros. Ele seria professor e o professor poderia ver nele seus próprios erros de didática e o ideal de seus alunos quanto a ser professor, para que, se ruim, mudá-lo, se bom, melhorar ou se manter como é.

Por exemplo. Numa sala de aula uma aluna vai dar aula sobre soma. Ela faz uma brincadeira com a turma. Divide a sala em grupos e cada grupo recebe um número. Ela anota no quadro – grupo A -1, grupo B – 5...

Daí ela escreve no quadro um número, que os alunos devem se unir até que juntos somem o número que ela deu, sem que se repitam e que utilizem o máximo de números possíveis, por exemplo, 10: 2+4+3+1.

Essa menina levaria um 10 sem dúvida - principalmente porque essa menina e o exemplo acima surgiram da minha cabeça, então eu também mereço um Super Supimpa com louvor (Nota 10 com estrelinha na faculdade) – porque entendeu o princípio da soma e explicou muito bem aos seus colegas e ainda os fez trabalharem em grupo.

Daí ela se avaliaria, dizendo se gostou ou não, como fez, se foi difícil e quanto se daria. Daí perguntaria aos alunos se eles aprenderam a somar, se foi divertido... E a professora poderia convencer a aluna de que ela merece mais do que a pontuação que se deu – principalmente com crianças pequenas que se exigem muito -. Por exemplo, dos dez, ela se deu 6 e recebeu dos alunos 7.

Sua média seria 6,5, mas seu trabalho vale 10. Então a professora a convenceria a mudar sua nota para 10, mas só alteraria se a criança assim achasse. O mesmo poderia ser feito se a nota fosse “menor” do que o avaliado. Seriam ressaltados os erros e assim ele poderia reduzir sua nota ou repetir a avaliação e numa próxima não pedir mais o mesmo tipo de avaliação.

Não seria lindo? Perguntar ao aluno como ele se vê e vê ao seu trabalho, fazer com que ele seja parte do processo e não apenas um saco “vazio” de jogar informações?

Além disto, haveria maior respeito ao direito de voz ao aluno, dando chance à ele de ir à reuniões de conselhos e de classes, fazer avaliações das aulas e da escola, dar opiniões sobre o que ele vê que a escola precisa comprar com mais urgência.

3.2 – PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Ciência Sem Fronteira (2011)

Programas como o Ciência sem Fronteiras, de cunho estudantil, consagrariam todos os cursos e pessoas que quisessem estudar fora do Brasil, mesmo que não estando em universidades, sem hierarquia ou grau de prioridade à estudantes ou não estudantes.

Atualmente o programa é extremamente cartesiano e busca abranger pouquíssimos cursos universitários, relacionados à Ciência Convencional e Tecnologias.

Como o próprio nome do programa diz, a Ciência não deveria ter fronteiras. E estas fronteiras não perpassam apenas locomoção entre países, mas a real quebra de todas as fronteiras que existem para que qualquer indivíduo, seja cientista pela Ciência Convencional, em universidades, ou seja um cientista sapiencial, pela vida, ambos devem ter acesso a Ciência, ao Conhecimento em âmbito global, através, por exemplo, de pesquisas, estudos, relatórios.

Mas é necessário entender que deve-se se ter uma base para isso, para que a pesquisa não fique sem os aspectos técnicos que atualmente são cobrados pela Ciência Convencional, com o intuito de não suprimi-la do processo. Assim, quem fosse, deveria saber ler e escrever e utilizar programas primordiais dos computadores, como o Microsoft Word, e ser instruído às normas técnicas exigidas para elaboração de relatórios, projetos e sua devida apresentação e orientação, dada por professores universitários ou instrutores do próprio projeto.

Faculdade da Ciência Educacional

As Faculdades de Educação poderiam passar ser chamadas de Faculdades da Ciência Educacional. Algumas universidades nomeiam de Faculdade das Ciências da Educação as Faculdades de Educação, como por exemplo, a Universidade do Porto em Portugal, a Universidade Federal do Pará (Campus de Marabá) e a Universidade Estadual Paulista.

Atualmente em âmbito global, o que é decidido às Faculdades de Educação é nomeá-las de Faculdades das Ciências da Educação, com o intuito de se dizer que ali são estudadas ciências que se relacionam com a Educação, como Antropologia, Ciência (Biologia), Matemática, mas o termo não abrange essencialmente a Educação.

Nessas faculdades é estudado muito além do que áreas que falam sobre educação. É estudada a Educação dentro dessas áreas. Se fossem estudadas

as Ciências DA Educação apenas, não precisaríamos de outra faculdade, porque ali haveria todas.

Tudo o que fosse necessário estudar seria estudado na Faculdade DAS Ciências da Educação, porque todo conhecimento e toda outra faculdade é da Educação, provém dela, provém da nossa cultura, da transmissão intencional ou não de saberes. Toda Ciência é por existir uma Ciência DA Educação, mas nem toda Ciência estuda A Educação.

Se quisermos estudar Matemática, Biologia, as estudamos em seus próprios cursos, não numa Faculdade de Educação. Estudamos nestas, a relação da Educação com suas temáticas, como ensiná-las de forma didática, suas influências no ensino, na sociedade. Não o conteúdo por si. Não que ele não possa ser abordado, mas que a essência de uma Faculdade DE EDUCAÇÃO está na Educação.

Sendo assim, a nomenclatura de Faculdade da Ciência Educacional seria mais adequada, pois estudaria a Ciência Educacional, que é a Pedagogia, que inclui português, matemática, ciências, geografia, mas em seus âmbitos educacionais e não conteudistas.

Trabalhos voluntários sendo creditados

Com cunho de desenvolver a área de estudo para além da formação técnica da graduação e/ou da pós-graduação, para além de estágios, trabalhos voluntários como, por exemplo, trabalhos em Igrejas – como dar aulas em catequeses, para quem faz licenciaturas, trabalhar voluntariamente em hospitais de câncer, para quem estuda medicina, voluntariado em ONG's, seriam considerados como passíveis de concessão de créditos (carga horária) para aproveitamento de estudos.

O trabalho voluntário é pouco considerado como passível a concessão de créditos (carga horária) aos estudantes porque “não” condizem com uma atividade científica, entretanto, todo tipo de trabalho relacionado com a área que se estuda é um meio de se adquirir mais experiência e sabedoria, torna o técnico

também mais humano. Portanto, todas as experiências correlatas a área de investigação escolhida individualmente deveriam ser validadas e pontuadas devidamente.

Algumas universidades já aceitam esse princípio e colocam em seus editais de concessão de créditos o trabalho voluntário, ainda que não sejam de cunho como catequeses ou outros do gênero. Alguns exemplos são a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Piauí e a Universidade Federal Tecnológica do Paraná.

Entendo que possa haver uma polêmica sobre religião e Universidade, mas acredito que o fundamental da catequese enquanto trabalho voluntário e enquanto passível de creditação é o dar aulas, é o informar, saber transmitir os saberes e religião também é saber e se um estudante sabe dar aulas de catequese também sabe dar aulas de matemática, física, química, ou seja, da área que tem domínio.

Neste aspecto haveria a união da Ciência Sapiencial à Convencional, porque os conhecimentos do aluno são considerados e seu desejo de estudar a prática do que estuda, não se conteria somente aos recursos disponíveis pela universidade, mas também perpassaria a busca por uma realidade menos idealista para se apoiar e apropriar.

Considerando trabalho voluntário na Universidade, poderiam haver grupos de suporte às disciplinas, monitorias, onde o aluno voluntariando-se durante determinada carga horária, receberia créditos para ajudar a se formar.

Em eventos universitários, como celebrações, simpósios, os alunos poderiam ajudar no feitiço e organização, também sendo creditados por isso, por estarem envolvidos em atividades acadêmicas e estarem se utilizando de seus saberes para produzi-los, moldá-los ou retificá-los.

Ser voluntário requer proatividade, espírito de liderança, preocupação com o meio e autonomia, o que a Pedagogia, a Educação, o Mercado e a Humanidade, vem buscando para o seu futuro. Valorizar este princípio, da Solidariedade, é uma forma de também valorizar o aluno e quem recebe a ação.

É claro que um trabalho voluntário é justamente voluntário por não exigir nada em troca, mas propiciar benefícios é uma forma de promover futuramente este mesmo ato, mesmo que o estudante não esteja na universidade, pois o fará pelo aprendizado que obteve antes e pelo prazer da ação.

Humanização da prática Docente Universitária

Infelizmente ainda existem professores que entram em sala de aula, viram as costas aos alunos e começam a dar a matéria no quadro, sem que haja um contato maior com o aluno a não ser na hora de questionamento de notas.

Isso é cruel e desumano. É tratar o aluno como se ele não fizesse parte de nada naquela sala de aula, porque o mesmo procedimento que seria dado com um aluno, seria também dado com uma parede.

Ouve-se muito na humanização Hospitalar, que as escolas, faculdades, de medicina, devem preparar seus médicos para serem mais humanistas em seus consultórios, porque seus pacientes também precisam de ajuda e de se sentirem em paz, já que sofrem e não têm mais a quem recorrer além do próprio doutor.

Estudantes também sofrem e também precisam de ajuda e também não têm mais a quem recorrer além do próprio doutor. Sentamos em cadeiras dia após dia e ouvimos, ouvimos, falamos, pouco, ouvimos, ouvimos, fazemos provas, passamos ou se reprovados três vezes, somos jubilados, como num jogo, onde só se tem três vidas se não você perde.

Essa monotonia nos mata. Doenças não são só fisiológicas, também são psicológicas. Nos cansa e entristece sentarmos todos os dias numa cadeira fria, com professores que não ouvem, não olham, só falam.

Esse tipo de situação é constrangedora e chega a ser ridícula. É um desrespeito do professor para si mesmo e para com os alunos. Também a todos os contribuintes que pagam seu salário e professores que dão sangue para darem aulas dinâmicas e fazer com que seus alunos se vejam como parte do processo

universitário e para que possam ser vistos como humanos, insubstituíveis e incríveis.

Não trata-se de uma crítica pessoal. Tais professores podem, em casa, serem afetivos, divertidos, dinâmicos, respeitosos. Com seus filhos, sobrinhos, cuidar e fazer com que tenham sempre ajuda e meios de crescer. Mas em sala de aula não enxergam os outros alunos como seus parentes, como humanos, mas com o real significado da palavra aluno “sem luz”.

Esse tipo de aula pode ser alterado se a Sabedoria, tanto individual, quanto coletiva, for levada em consideração. Sabedoria de entender o que é uma aula, porquê dar aulas, a importância delas e o que pode acontecer se todo conhecimento transpassado for só armazenado para a prova e jogado fora. Se é essa a sua real função dentro de sala de aula, preparar os meninos para prova.

A Ciência Convencional exige objetividade, que são os resultados, a prova. Mas nada adianta a prova, porque ela não constrói prédios, não torna pessoas mais eficientes, sociáveis, mais respeitadas. Ela é um pedaço de papel guardado por 5 anos para ter certeza de que o professor não será processado. Induz que o aluno prendeu o conteúdo até dado momento, mas não que o apreendeu, o que torna a disciplina inútil, porque o estudante poderia decorar tudo através de um livro e fazer provas.

UniverCidade e Cidadersidade

O Tripé Universitário, Ensino, Pesquisa e Extensão, em muitas universidades só é dado da Ciência para o “Senso Comum”, no que Paulo Freire chama de Transmissão Vertical do Conhecimento. “Freire nos propõe a quebra da verticalidade “coisificadora” onde um ator é sujeito e o outro objeto, para uma relação onde todos possam ser sujeitos atuantes, que agem e pensam criticamente” (SERRANO, [2013], p.4).

Assim, a Universidade cria projetos que fazem com que a Ciência possa produzir e ajudar a Cidade, mas não permitem que a Cidade chegue à Universidade. Mas

tal fato é advindo da própria legislação brasileira, como exemplo o Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931, que regulamenta a Extensão Universitária:

Art. 42. A extensão universitária será efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, uns e outros organizados pelos diversos institutos da Universidade, com prévia autorização do Conselho Universitário.

§ 1º Os cursos e conferências, de que trata este artigo, destinam-se principalmente à difusão de conhecimento úteis à vida individual ou coletiva, à solução de problemas sociais ou à propagação de idéias e princípios que salvaguardem os altos interesses nacionais.

§ 2º Estes cursos e conferências poderão ser realizados por qualquer instituto universitário em outros institutos de ensino técnico ou superior, de ensino secundário ou primário ou em condições que os façam acessíveis ao grande público

Art. 109. A extensão universitária destina-se à difusão de conhecimentos, filosóficos, artísticos, literários e científicos, em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo.

§ 1º De acordo com os fins acima referidos, a extensão universitária será realizada por meio de cursos intra e extra-universitários, de conferências de propaganda e ainda de demonstrações práticas que se façam indicadas (BRASIL, Decreto 19.851/31, APUD SERRANO, [2013], p.7).

Há indícios da união da comunidade na Universidade, como no Art. 109 e seu parágrafo primeiro, onde cita-se a questão da extra-universitariedade. Mas no geral, a verticalidade da extensão é clara quando diz que quem efetivará os cursos serão institutos universitários.

A Universidade deveria fomentar a troca de experiências entre os meios. Na Pedagogia, trazer crianças, quarenta mesmo, para dar-nos aulas, em Didática Fundamental, por exemplo, do que é ser um bom professor para eles, do que é ter uma Didática Fundamental para ser professor.

Trazer médicos para aulas de Pedagogia Hospitalar, tal qual parentes de pacientes e pacientes, para falarem sobre a Educação Hospitalar, o que pensam, qual a importância, se fez ou não diferença na escola.

Buscar professores inovadores, escolas inovadoras, e convidar a dar palestras sobre as dificuldades e possibilidades em sala de aula, as alegrias de ser um

professor alternativo, as diferenças do convencional, numa aula de Avaliação das Organizações Educativas ou de Aprendizagem. Entender como funciona economicamente tais escolas, através de seus diretores, e como funciona, através de coordenadores, e toda a escola, numa visão ampla, como também preparação para o mercado, através de pais e alunos.

São pessoas comuns que pagam e sustentam a Universidade e têm direito de saber e fazer e refazer a Universidade, junto aos que nela estão. Tal qual em outros órgãos públicos também deveria acontecer.

Muito além de dar-se uma UniverCidade, também poderia haver uma Cidadersidade, que é a Cidade entrando no mundo Acadêmico, não só para estar lá e dizer que está, mas para moldá-la e fazê-la melhor, tal qual a Universidade com a Cidade.

[...] ao fazer extensão é necessário compreender o outro como sujeito histórico, cultural, respeitando seus valores e cultura. Neste sentido, estes movimentos da extensão revestem-se da horizontalidade e do conhecimento e respeito à cultura do local onde se desenvolve, e assume um compromisso com as mudanças (SERRANO, [2013], p.7).

Desuso de Planos de Curso Prontos e Acabados

Planos de Curso são documentos onde está o cronograma de atividades dos alunos, com conteúdo, datas de provas, enfim, a definição de como será o semestre. Mas esta definição, na maior parte das vezes, não é feita com o aluno, é para ele.

O professor, apesar de já ter sido aluno e ter suas expectativas, molda e ratifica o cronograma sem perguntar ao aluno se ele tem ou não alguma retificação, restrição, ideologia ou confirmação daquele plano.

O Saber do estudante em sala de aula por vezes é restringido ao debate de textos ou relato de alguma experiência. Ele chega em sala de aula em seu primeiro dia e já recebe uma receita de como vão ser aulas do começo ao fim. Mas o aluno de ontem não é o de hoje, as escolas não são as mesmas, os

princípios não são os mesmos, mas o professor avalia e organiza seu plano de curso sem saber ser um aluno do presente, e acaba desvalorizando o saber da outra parte envolvida no processo. Assim, acabamos, como alunos, nos vendo como parte de uma receita.

Ingredientes:

Professor

Aluno

Objetivo Geral

Objetivo Específico

Conteúdo 1

Prova 1

Conteúdo 2

Prova 2

Conteúdo 3

Prova 3

Revisão de conteúdos

Prova Final

Tempo de cozimento: 1 semestre letivo.

Modo de Fazer: Misture tudo, menos o professor, em uma sala de aula. Sacuda e espere que o conteúdo seja apreendido. Mantenha em temperatura ambiente – muito calor da sala de aula normal – por um semestre. Finalize com a colocação do professor no topo da massa humana e conteudista. Está pronto!

Planos de Cursos não deveriam ser receitas. Deveriam ser uma referência ao qual o aluno e o professor poderiam se embasar sobre todo o semestre e os alunos deveriam também fazer parte da construção desse projeto, não só obedecê-lo. Nem a Constituição Federal não foi feita assim, por que então nossas aulas, onde preparamos parte do futuro da humanidade, isso ocorre?

Os alunos têm sabedoria e sabem seus pontos fortes e fracos, estudantes de Pedagogia, por exemplo, tem concepções e ideologias sobre uma sala de aula e como deve ser regida, tal qual outros estudantes. Por que então só vigorar a Pedagogia do professor? Por que as outras Pedagogias não seriam válidas, principalmente se é pelo e para o aluno que o professor tem que trabalhar? Por que quem é o principal motivo e causa de uma sala de aula não pode interferir no que se refere a sua educação?

Se víssemos a Sabedoria como uma Ciência, os estudantes poderiam moldar a sala de aula junto ao seu professor. Não somente a ementa, com os objetivos específicos, pois o geral seria necessário se manter igual a todos para manter uma base no curso, e as avaliações, mas também em como as aulas poderiam ser ministradas, se através de aulas expositivas somente, ou saídas de campo, convidados, quais convidados, delimitar horários de atraso – pelo bom senso e não pela regra dos 15 minutos...

O aluno teria papel tão importante quanto o professor, porque a autoridade em sala de aula não é o professor. Não sozinho. A autoridade é para quem ele trabalha, mas também é sua porque detém mais conhecimentos e maturidade – assim espera-se – do que seus estudantes, o que propicia uma troca e amadurecimento geral. Dito isso, o aluno se sentiria também não só igual em direitos, mas também em deveres. Assumiria responsabilidade com prazos, horários, atividades, por ele próprio desenvolvimento. A construção coletiva de uma ementa propiciaria autonomia, liderança, responsabilidade e senso de compreensão sobre o coletivo.

Avaliação conjunta

Já é prática de alguns professores avaliar a aula, o semestre, o curso, no começo, meio e fim destes com seus alunos.

Esta prática é um exemplo de como a Sabedoria, se aceita como Ciência, poderia interferir positivamente no cotidiano escolar, tanto do Ensino Superior, quanto do básico.

Ouvir o que o aluno tem a dizer é dar espaço para que ele seja um cientista, para que faça suas avaliações, tenha seus entendimentos e tire suas próprias conclusões, tal qual também possa sugerir mudanças, melhorias.

Quando se ouve um aluno a igualdade se revela, pois o professor não se vê maior do que seu estudante, mesmo sendo doutor ou pós-doutor, e se possibilita aprender, se torna um aluno, e o aluno, se vê como importante e capaz, e não enxerga o professor como uma pessoa distante dele, como alguém que é melhor do que si, ou uma ameaça ou intimidação.

Essas avaliações propiciam ao professor uma visão do aluno sobre ele, si, a didática, a instituição. Enquanto professores e seres humanos nos acomodamos aos nossos métodos e técnicas, mas é necessária uma constante mudança de nós mesmos, porque a Educação não para e nós também não podemos nos dar esse luxo, se não ficamos presos no tempo e em aulas sem sentido, só de conteúdo.

Além do que, em licenciaturas, por exemplo, o aluno aprende através do olhar do professor e de outros estudantes os ideais dos alunos quanto a um professor, como é uma aula contemporânea, conteúdos, como transmiti-los. Ele aprende a ser o professor que seus alunos precisam e desejam e se aprimora ouvindo os outros, o que vai precisar fazer pelo resto da vida.

Projetos Políticos Pedagógicos, Currículos e Regimentos Internos Equivalentes

A Sabedoria dos estudantes é pouco levada em consideração. Principalmente no que tange à estrutura administrativa universitária. A não ser que ele quebre, invada ou processe a Universidade, gritará aos ventos.

É comum termos em nossos PPP's, Currículos e RI's a representação de alunos. Mas para 40 professores e funcionários, 2 alunos. Todos esses documentos são importantes e deveriam ser efetivamente democráticos, mas infelizmente acabam por ser uma democracia aparente.

Se necessária uma votação onde há 30 professores a favor, 5 funcionários contra, dois neutros, 3 funcionários a favor, e 2 alunos contra, quem ganha?

Os alunos têm uma falsa participação, porque para mudarem efetivamente uma votação precisariam ser mais representativos. O ideal seria que cada setor de representação tivesse a mesma quantidade de representantes. Se há 30 professores, haveriam 30 funcionários e 30 estudantes.

Se é inviável a quantidade de pessoas, reduz-se. Ficando então, 15 professores, 15 estudantes e 15 funcionários. Fora, claro, os representantes da comunidade, que também fazem parte dos processos de organização institucional.

A voz de estudantes, funcionários e comunidade deve ser ouvida com o mesmo peso que a de professores. Não é através de uma democracia aparente que tais regimentos funcionarão e serão justos, mas através de uma real democracia e a escuta de todas as partes, sejam cientistas convencionais ou não.

A Ciência Convencional teria cada vez mais um apelo social

Já sabemos que uma das finalidades da Ciência é servir ao meio em que ele está, seja por meio de medicamentos, leis, teorias... Todas as respostas encontradas pela Ciência se tornam de usufruto público, ao menos as permitidas, e cooperam para a melhor vivência e sobrevivência humana. Seja a Sapiencial ou a Convencional.

A Ciência Convencional também está a serviço da humanidade e não foge desta realidade. Mas se aceito o ideal de “Senso Comum” enquanto Ciência, esta poderia ser envolta em princípios ditos do “Senso Comum” e começar a trabalhar efetivamente com intuito não de lucro ou do conhecimento pelo conhecimento, mas da aplicabilidade social de seus conhecimentos, seja em teoria, seja em prática.

“[,] as teorias físico-naturais, uma vez formuladas no seu domínio específico, se aplicam ou aspiram aplicar-se no domínio social” (SANTOS, 2009, p.67).

Assim, projetos seriam vistos com uma repercussão verdadeiramente social e ao bem de quem consome os bens advindos destes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO

Quando fazemos, pensamos. Quando vemos, justificamos. Nossos pensamentos, razões e porquês são tão científicos quanto os pensamentos, razões e porquês da Ciência Convencional. Só não são as mesmas explicações.

Mas será que porque pensamos de outras formas, não somos iguais? Mas não é isso que a Pedagogia tanto nos diz que não pode ocorrer?

Se as pessoas pensam de formas diferentes, isso não as torna mais ou menos humanas, só faz com que sejamos diferentes e que não haja uma homogeneização mental. É o que nos mantém em progresso e vida.

Um velho de oitenta anos que passou a vida a entender a terra, uma mãe que criou e cuidou de dez filhos, que os entendia e aconselhava, uma cozinheira que faz quitutes a vida inteira, sabe do funcionamento dos ingredientes na mistura, um homem que trabalha a vida inteira em construção de casas, um jovem que ensina seus irmãos, nenhum deles seria considerado um cientista só pelo que fazem. Não são geógrafos, psicólogos, químicos, engenheiros, pedagogos ou professores.

Há várias ideias na concepção de cientistas e teóricos que caminham pelos princípios de que a Ciência estaria preocupada com o mundo conceitual e o “Senso Comum” com o mundo prático.

As pessoas “comuns”, que reproduzem o “Senso Comum” por suposto que visam a vida prática em seus feitos e falas. Nada que cientistas convencionais também não façam. A Ciência vive em decorrência da vida prática, da realidade, independente de em quantas outras esta se revele.

Da mesma forma com que há um envolvimento da Ciência em preocupar-se com a prática, há também a preocupação do “Senso Comum” em entender a teoria.

Há tanto conhecimento no fazer quanto no pensar. Não existe pensar sem fazer – porque o próprio pensamento já é uma ação - ou fazer sem pensar. Entretanto,

as explicações são diferenciadas em cada contexto, e atualmente, as respostas pensadas pelo povo não são aceitas ainda como Ciência.

Não podemos dizer, é claro, que cada uma dessas pessoas sabe as técnicas e fórmulas de “suas versões científicas”. Mas também não é possível dizer que cada cientista sabe as técnicas e fórmulas de cada uma dessas pessoas. São saberes diferentes e que se integram, não se anulam. Não é uma “luta” Teoria x Prática, como se a Teoria não fosse também uma prática e a Prática não fosse também uma teoria, é um acordo de convivência. “O conhecimento científico ensina a viver e traduz-se num saber prático” (SANTOS, 2009, p.87).

O grande problema é que um quer se sobrepor ao outro. Quando dizemos que falta teoria, por exemplo, nas escolas, haja teoria imposta depois. Daí dizemos que falta a prática. Haja prática depois.

De qualquer modo, um sempre acaba por suprimir o outro e ficamos no discurso de “é preciso fazer com que ambos andem juntos” e não saímos dele. Precisamos ver o lado em que eles não só precisem andar juntos, mas que **são** juntos e que é necessário a nós ver outros lados, outras verdades, criá-las e termos consciência delas, sabermos que são Ciências, nossas Ciências, e que não são melhores ou piores que qualquer outra, mais certas ou mais erradas, mas que só são iguais, de formas diferentes.

Na Ciência Sapiencial não há um entendimento de erro ou de noções ilógicas. Não é porque há várias respostas sobre um mesmo aspecto que elas sejam erradas ou ilógicas. Cada qual possui sua lógica e ainda que contraditórias entre si são certas para cada grupo ou indivíduo que a aceita, é aí que entra a escalaridade da Ciência Sapiencial, aonde cada microuniverso possui suas sabedorias e conhecimentos e ciências.

Mas o quer dizer isso tudo? Quer dizer que “Senso Comum” é uma Ciência e que somos iguais pelo objetivo, pelas características e pela metodologia, mas diferentes no processo dessa metodologia, características e objetivo. Quer dizer não devemos subestimar ou superestimar nem um, nem o outro.

A Sabedoria é a Ciência Universal. Ela surge e se desenvolve com a humanidade, ela faz a humanidade, faz o que nos torna humanos. Dela advém todas as outras formas de saber, seja Ciência Convencional, seja Sapiencial ou qualquer outra. Ela é a base de nossas conquistas, seu início, meio e até o fim.

Para que entendamos melhor isso, vou lhe fazer algumas perguntas. Responda com sinceridade.

Você é Humano?

Suponho que sua resposta seja sim, ao menos espero que seja.

- Sim (finja que é você respondendo ok? Sorria e finja que isso é normal!).

Eu, escritora, sou humana?

- Sim.

Todos que conseguem ler esse texto são humanos?

- Suponho que sim, oras.

É claro que há computadores e máquinas, mas elas só decifram códigos, não sabem ler.

Mas se todos somos humanos... somos todos iguais?

- Sim.

Se todos somos iguais então não temos diferenças?

- Não.

Então somos diferentes?

- Sim.

E por que somos iguais e diferentes?

- Somos todos iguais porque somos todos humanos, mas somos todos diferentes porque o que nos torna iguais, também nos faz diferentes, e o que nos torna iguais e diferentes ao mesmo tempo é nosso conhecimento e o que fazemos

dele. Quando conseguirmos enxergar a real igualdade que temos entre nós, e não apenas nossas diferenças, então a humanidade prevalecerá, não nossos egos.

A Ciência em escala é como nós, humanos. A Sabedoria é a base de tudo, o que nos torna iguais (sermos humanos). As Ciências são nossas diversidades, nossos pensamentos diferentes dentro da sabedoria. Há brancos, negros, pardos, indígenas, asiáticos, baixos, altos, gordos, magros, de olhos abertos ou puxados, pernas longas, curtas, há humanos de quase todos os jeitos, assim como há Ciências das mais diversas, de quase todos os jeitos, mas ainda somos humanos e as várias Ciências ainda são Ciência.

De acordo com a (des)aproximação da realidade, cada Ciência toma maior ou menor parte desta, criando assim escalas, e havendo ainda saberes e partes destes saberes que se afastam por completo da realidade.

A Ciência de Sabedoria, se realmente levada em consideração, pode trazer usufrutos à Educação que vão para além de quem está matriculado em Instituições de Ensino Superior, pode integrar e incluir a sociedade dentro das Universidades e as Universidades realmente dentro da sociedade e criar o sonho da “UniverCidade” e ter uma efetiva realização da relação de Pesquisa, Ensino e Extensão, não só como uma meta local, das Universidades, mas do Brasil e quiçá do mundo.

É necessário realmente levar a Educação a sério. Mas isso não vai acontecer enquanto os povos, não estiverem unidos, não se enxergarem como principais atores dela, e continuar deixando que “quem saiba, que faça”. Porque todos nós sabemos. Nossos propósitos são os mesmos. O fundamento da Ciência não é o conhecimento pelo conhecimento. É o conhecimento para a ação, para o desenvolvimento, para a evolução e a sabedoria.

Se existe uma utilidade fundamental, nas ciências, ela está na criação e na ampliação da compreensão humana a respeito das integrações entre os mistérios da própria pessoa, do mundo em que ela vive, da vida em que ela e os outros seres da vida se realizam e das múltiplas totalizações diferenciadas em que tudo isto existe e a que converge (BRANDÃO (Org.), 2009) p.58).

O que pensamos, atualmente, enquanto “Senso Comum”, pouco importa aos mandantes e comandantes da nossa educação. O que importa é o dizer da Ciência Convencional sobre isso. Não é a opinião do pai ou da mãe sobre Educação que tem relevância central, mas sim a “teoria do momento”, é ela que vai ser adotada e dada aos seus filhos. Sua teoria sobre Educação não tem valor.

Muito além de desejar ter o nosso reconhecido, ter nosso ponto de vista aceito, cientificamente, enquanto professores – convencionalmente, comprovado -, temos de pensar para quem trabalhamos. É pelas crianças, jovens, adultos, idosos, que trabalhamos. É a eles quem devemos perguntar, quem devemos escutar. Sejamos cientistas convencionais ou não.

Não podemos ignorar nossos alunos porque há convenções do que fazer. Porque ele “não sabe o suficiente”, porque “não tem doutorado para isso” ou porque “não se baseia em ninguém para dizê-lo”. Ele tem o direito de dizer o que pensa sem precisar se embasar em atores externos que não vivem o cotidiano dele, daquela escola, daquela universidade. Ele tem voz. E ela precisa ser ouvida.

“Não sigam a mim, sigam as crianças”, Montessori.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Tácio. *Conhecimento e Sabedoria: Rubem Alves*. Fortaleza: Blogspot, 2014. Disponível em: <<http://portaldabuscaespiritual.blogspot.com.br/2014/07/conhecimento-e-sabedoria-rubem-alves.html>>. Acesso em: 25/08/2014.

ALVES, Rubem. *Entre a Ciência e a Sapiência: O Dilema da Educação*. 2ª edição, São Paulo: LOYOLA, 1999.

_____. *Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras*. 12ª edição. São Paulo: LOYOLA, 2007.

_____. *Aprendiz de mim: Um bairro que virou escola*. 1ª edição. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004.

_____. *O Tempo e as Jabuticabas*. Paraná: Wordpress. 2013. Disponível em: <<https://karinizumi.wordpress.com/category/rubem-alves/>> Acesso em: 25/08/2014.

ANSELMO, Valdecir de Oliveira. *Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos*. Caxias do Sul: [S.N], 2009.

BARROS, Zelinda dos Santos (Org.). *Curso a Distância de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras: Módulo 4: Educação e Relações Étnico-raciais*. Bahia: UFBA. 2010. Disponível em: <http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/livro4_EducacaoERER-04.08.10.pdf>. Acesso em: 22/05/2014.

BONI, Marina. *Por que e Para quê fazer Ciência*. [S.I]: Minha afinação, 2013. Disponível em: <<http://minhafinacao.blogspot.com.br/2013/06/por-que-e-para-que-fazer-ciencia.html>>. Acesso em: 20/11/2014.

BRAGA, Orlando. *A substituição abusiva do Senso Comum pela Ciência*. [S.l.], PERSPECTIVAS, 2014. Disponível em: <<http://espectivas.wordpress.com/2014/04/17/a-substituio-abusiva-do-senso-comum-pela-cincia/>>. Acesso em: 25/08/2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *A Pesquisa Participante: um momento da educação popular*. Volume 6. Uberlândia: REV. EDUCAÇÃO POPULAR, 2007. p. 51-62.

BRASIL, Ministério da Educação. *Como se tornar um professor?: Requisitos*. Brasília: MEC, [S.D]. Disponível em: <<http://sejaumprofessor.mec.gov.br/internas.php?area=como&id=perfil>>. Acesso em: 02/09/2014.

BRONOWSKI, Jacob. *O Homem e a Ciência: O senso Comum da Ciência*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: Edição da Editora USP, 1977.

CARRARA, Kester (Org.) *Introdução a Psicologia da Educação: Seis Abordagens*. 1º edição. São Paulo: AVERCAMP, 2002.

CARVALHO, Emillie. *Um grupo de cinco macacos e dois cientistas*. [S.l.]: Youtube, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZAQtwFpkksw>>. Acesso em: 15/04/2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no mundo contemporâneo*. In: *A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*. 1º edição. Campinas: PAPIRUS, 2008.

CENTOFANI, Rogério. *Os laboratórios de Psicologia nas escolas normais de São Paulo: o despertar da psicometria*. São Paulo: PUCSP, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141469752006000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 11/11/2014.

CHIBENI, Silvio Seno. *Introdução a Filosofia da ciência: Tópico 2. Objetivos da Ciência*. São Paulo: UNICAMP, 2010. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/objetivosciencia.htm>>. Acesso em: 27/02/2014.

CONANT, James Bryant. *Ciência e Senso Comum*. 1ª edição. São Paulo: CLÁSSICO-CIENTÍFICO, 1958.

CORREIA, Filipa Araújo (Org.). *Senso Comum Vs. Ciência*. Web Node, Portugal, [s.d.]. Disponível em: <<http://psycheelogos.webnode.com.pt/senso%20comum%20v-s%20ci%C3%Aancia/>>. Acesso em: 25/08/2014.

DESCARTES. *Descartes - Vida e Obra: O Discurso do Método*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: NOVA CULTURAL, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto. RUBEM, Alves. *Fomos maus alunos*. 10ª edição. São Paulo: SETE MARES, 2010.

ESCALA. [Portugal]: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], [2008-2013]. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/escala>>. Acesso em: 27/08/2014.

FACEBOOK faz uma bela discussão sobre igualdade. Curitiba: Gazeta do Povo, 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/o-facebook-faz-uma-bela-discussao-sobre-igualdade/>>. Acesso em: 25/08/2014.

FERREIRA, Márcia Regina. *Resenha crítica FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979*. Paraná: UFPR, [2013]. Disponível em: <http://www.projetovidanocampo.com.br/downloads/resenha_paulo_freire.pdf>. Acesso em: 12/11/2014.

FERREIRA, Marcelo Machine. *Saber Científico*. [S.l.]: Educação com Ciência. 2012. Disponível em: <<http://www.educacaocomciencia.com.br/2012/05/saber-cientifico.html>> Acesso em: 25/08/2014.

FERREIRA, Tomé. *Educação a distância: Fenômeno Mundial de crescimento*. Santa Catarina: DUNIVERSO, 2014. Disponível em: <<http://www.duniverso.com.br/educacao-a-distancia-fenomeno-mundial-de-crescimento/>>. Acesso em: 25/08/2014.

FRASE de Thomas Huxley. [S.l.]: R7 Frases, [2014]. Disponível em: <<http://kdfrases.com/frase/148699>>. Acesso em: 25/08/2014.

INTUITIVO. Texas, Dallas: Dicio, [2009-2014]. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/intuitivo/>>. Acesso em: 27/08/2014.

LINS, Emmanuela. *Bancas de Tcc*. [S.l.]: UNIME, 2013. Disponível em: <http://cienciassociaisnarede.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html> Acesso em: 25/08/2014.

LUCKESI, Carlos Cipriano. *Gestão do Currículo: Verificação ou Avaliação? O que pratica a escola?* Ceará: Governo do Estado do Ceará, [2010]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/prod_ucoes_pde/2012/2012_uem_edfis_artigo_rogerio_henrique_da_costa.pdf>. Acesso em: 02/09/2014.

MENEZES, Maria Arlinda de Assis. *Do método do caso ao case: a trajetória de uma ferramenta pedagógica*. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022009000100009&script=sci_artt_ext>. Acesso em: 10/11/2014.

MIZNE, Denis (et all). *A importância de Valorizar e apoiar os alunos diariamente*. [S.l.]: Fundação Lemann, 2013. Disponível em: <http://fundacaolemann.org.br/videos/video/a_importancia_de_valorizar_e_apoiar_os_alunos_diariamente_>. Acesso em: 02/09/2014.

NEWTON, Isaac. *Principia mathematica philosophiae naturalis*. 1ª Edição. Editora. Cajori, T.I (1962, University of California Press), apud FITAS, Augusto J. Santos. Os principia de Newton, alguns comentários: (Primeira parte, a Axiomática). Tese de doutoramento. [Lisboa]: Vértice, 1996.

NOMES Científicos de Frutas. [S.l]: Arteblog, 2008. Disponível em: <<http://www.arteblog.net/2008/04/12/nomes-cientificos-de-frutas/>>. Acesso em: 09/07/2014.

O QUE é Sistematização: Uma pergunta. Diversas respostas. Revista da Escola Centro-Oeste de Formação Sindical da CUT, Apud Ecos do Brasil Central, São Paulo, dez. 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/Casa/Downloads/o-que-e-sistematizacao-uma-pergunta-diversas-respostas.pdf>>. Acesso em: [2014].

OS PRIMEIROS dentinhos do bebê. São Paulo: PEDIATRIA EM FOCO, [2012?]. Disponível em: <<http://www.pediatriaemfoco.com.br/posts.php?cod=28&cat=2>>. Acesso em: 25/08/2014.

PATY, Michel. *A Ciência e as Idas e Voltas do Senso Comum*. São Paulo: ECA USP, 2007. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/ensaio13c.html>>. Acesso em: 27/08/2014.

PIZZOLI, Ugo. *Il Laboratorio di Pedagogia Scientifica in Crevalcore*. Estratto della Rivista di Filosofia, Pedagogia e scienze affini, 1900, anno II, vol. III, n. 4. Bologna, Est. Tip. Zamorani e Albertazzi, pp. 1-18, APUD MENEZES, Maria Arlinda de Assis. *Do método do caso ao case: a trajetória de uma ferramenta pedagógica*. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022009000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 10/11/2014.

RAMPAZZO, Lino. *Metodologia Científica: Para alunos de cursos de graduação e pós-graduação*. 2ª edição. São Paulo: LOYOLA, 2002.

REDE Interagencial de Informação para a Saúde: Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações. Rede Interagencial de Informação para

a Saúde - Ripsa. – 2. ed. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2008. 349 p.: il. RODRÍGUEZ, Ricardo Velez. *O Cientificismo de Augusto Comte (1798-1857) e as suas repercussões na América Latina*. Juiz de Fora: UFJF, 2011. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/COMTEAL.pdf>>. Acesso em: [2014].

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as Ciências*. 6ª Edição. São Paulo: CORTEZ, 2009.

SANTOS, Felipe Augusto Rocha. *Pluralismo Jurídico, Direito Alternativo e Direito Achado na Rua: O Direito em face de seus determinantes sociais*. Teresina: JUS NAVIGANDI, 2009. Acesso em: 22/08/2014. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/13583/pluralismo-juridico-direito-alternativo-e-direito-achado-na-rua#ixzz3B9TQ1sgb>>.

SAYAD, Alexandre Le Voci. Fotos por: NIEMAN, Henk. São Paulo: REVISTA TRIP UOL, 2005. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/142/especial/rubem.htm>>. Acesso em: 27/08/2014.

SCHMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica*. 1ª edição. São Paulo: NOVA GERAÇÃO, 2009.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. *Conceitos de Extensão Universitária: um diálogo com Paulo Freire*. Bahia: PRAC-UFBA, [2013]. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_d_e_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 12/11/2014.

SETUBAL, Maria Alice. *Diálogos entre Cultura e Educação na Escola*. [São Paulo]: Educar para Crescer – Editora Abril, 18/01/2014. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/dialogo-cultura-escola-499667.shtml>>. Acesso em: 03/09/2014.

SIGNIFICADO de Verdade. [S.l.]: SIGNIFICADOS, [2011-2014]. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/verdade/>>. Acesso em: 27/08/2014.

SILVA, Mário. *Lições de Física*. Vol.1. Coimbra: Livraria Almedina, 1937.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em:<http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_CULTURA.pdf>. Acesso em: 02/09/2014.

SOUZA, Jorge (Org.). *Mensuração*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

UM grupo de cinco macacos e dois cientistas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZAQtwFpkksw>>. Acesso em: 15/04/2014.

ZUSAK, Markus. Tradução Vera Ribeiro. *A menina que roubava livros*. 1º Edição. Rio de Janeiro: INTRÍSECA, 2007.